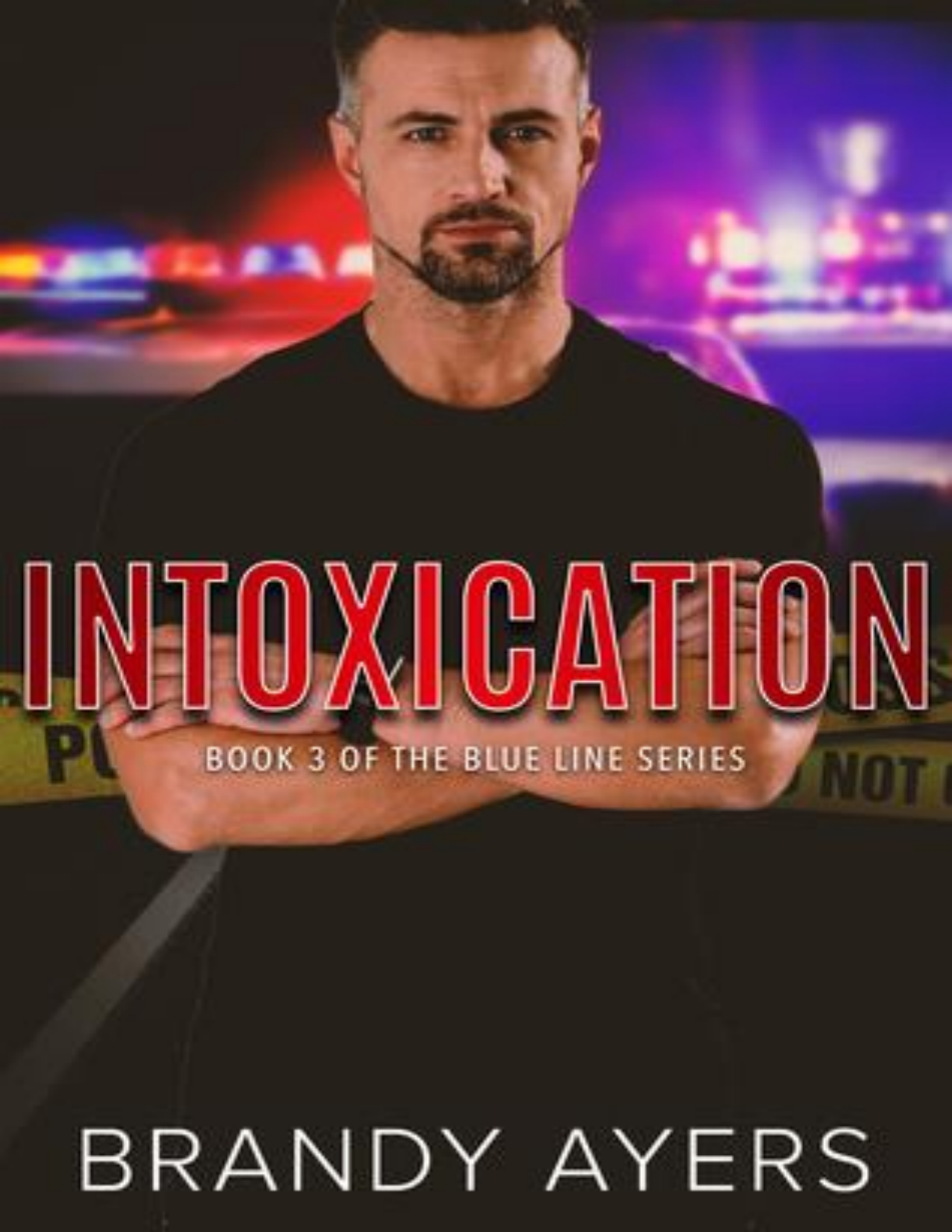
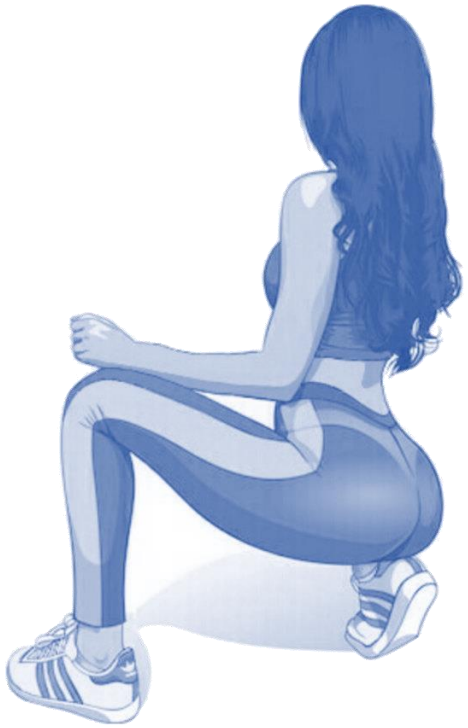
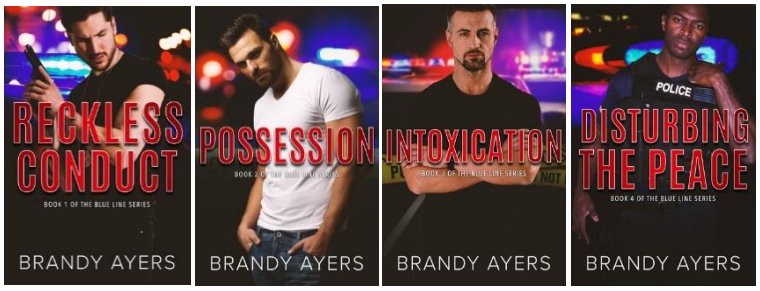
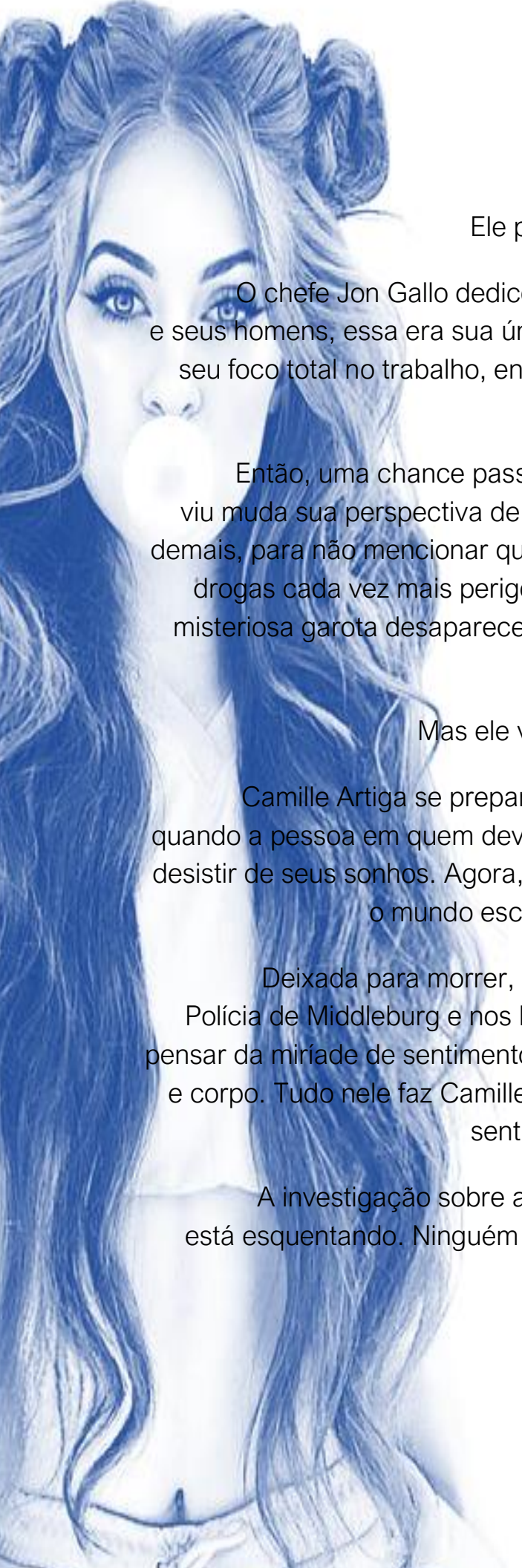

INTOXICATION
BOOK 3 OF THE BLUE LINE SERIES
BRANDY AYERS



EXCLUSIVE STARS BOOKS

BLUE LINE


RECKLESS CONDUCT
BOOK 1 OF THE BLUE LINE SERIES
BRANDY AYERS
POSSESSION
BRANDY AYERS
INTOXICATION
BRANDY AYERS
POLICE
DISTURBING THE PEACE
BOOK 4 OF THE BLUE LINE SERIES
BRANDY AYERS



Ele passou sua vida sozinho ...

O chefe Jon Gallo dedicou sua vida à força. Proteger sua comunidade e seus homens, essa era sua única missão. Nenhuma mulher poderia aceitar seu foco total no trabalho, então ele desistiu de tentar encontrar uma há muito tempo.

Então, uma chance passando com a mulher mais inebriante que ele já viu muda sua perspectiva de vida. Ele não deveria querê-la. Ela é jovem demais, para não mencionar que está de alguma forma envolvida na rede de drogas cada vez mais perigosa que assola sua cidade. Mas quando a misteriosa garota desaparece sem deixar vestígios, ele jura encontrá-la e torná-la sua.

Mas ele vai precisar salvá-la primeiro ...

Camille Artiga se preparava para uma vida promissora como médica, quando a pessoa em quem deveria confiar mais do que ninguém a obrigou a desistir de seus sonhos. Agora, Camille de alguma forma se viu puxada para o mundo escuro das drogas e do crime.

Deixada para morrer, Camille consegue tropeçar na Delegacia de Polícia de Middleburg e nos braços do Chefe Gallo. Ela não sabe o que pensar da miríade de sentimentos que o homem forte desperta em sua mente e corpo. Tudo nele faz Camille se sentir segura, querida. Algo que ela não sentia há muito tempo.

A investigação sobre a epidemia de drogas que assola Middleburg está esquentando. Ninguém está mais seguro, nem mesmo o Chefe de Polícia

CAPÍTULO UM

JON

O suor escorria pelo rosto de Jon, ardendo nos olhos, enquanto ele os limpava com os antebraços. O treinador levantou as luvas de foco mais uma vez e eles passaram pela combinação. Jab, cruz, gancho, cruz, jab, haymaker[1]. O treinador, Tony, veio até ele com as almofadas, o vinil batendo contra a carne nua de seus braços e ombros enquanto Jon se enrolava protegendo sua cabeça.

O treino fez o seu trabalho. Ele tirou sua mente de tudo o que estava acontecendo em seu mundo subitamente bagunçado.

Vinte e cinco anos ele serviu como um policial. Quinze trabalhando nas fileiras em Pittsburgh. Os últimos dez como chefe de polícia em Middleburg. Nunca antes sua mente tinha estado tão confusa.

O treinador recuou e eles começaram a trabalhar no chão no modo de agarrar e andar. A agressão que se acumulou em seu sistema veio rugindo quando ele prendeu o jovem no tatame, o soltou e o fez novamente. Seus músculos, flexionando e estendendo-se ao limite, tinham um tipo estranho de paz sobre ele.

Um de seus oficiais, Bryan Coy, gostava de chamá-lo de “velho”, mas o chefe Jon Gallo estava em melhor forma hoje do que quando se juntou à força, como um garoto punk de vinte anos. Descobrir esse ginásio de MMA por duas cidades havia sido uma dádiva de Deus. Seu cabelo podia estar mais grisalho agora do que o castanho escuro que estava naqueles dias, mas seus abdominais e braços eram o que as crianças chamavam de 'macaca'.

---

[1] O haymaker é considerado um soco imperfeita / impuro, como o ângulo de abordagem é suportada pela parte restante do antebraço

Jon pode não sair mais na rua para patrulhar, mas ainda precisava ficar no topo de seu jogo.

Inferno, agora mais do que nunca.

Agora ele tinha algo pelo que vale a pena lutar.

Ele só tinha que encontrá-la.

Uma hora depois, ele saiu da academia com um banho fresco, vestido com seu uniforme azul marinho e mais do que um pouco dolorido. Tony tinha se esforçado demais com ele, mas Jon precisava disso. O não saber o estava deixando louco, e a única maneira de liberar a tensão era com um bom esforço físico antiquado.

Andando pelas portas da frente da estação, sua coluna se endireitou e seu peito inchado. Esse era o domínio dele. Sua sobrinha Sophie estava sentada atrás da recepção, uma parede grossa de vidro à prova de balas que a separava da área do lobby.

— Ei, tio Jon, como foi sua manhã? — Como nunca teve uma família própria, ele pensava em Sophie como filha, e se orgulhara de ajudá-la depois que o pai dela faleceu há mais de dois anos.

Deus, quase três agora.

— Está bom, Soph. — Sua sobrinha o zumbiu através das portas de segurança, e ele dobrou a esquina para encontrá-la do outro lado da parede. Eles se abraçaram brevemente, e as mãos de Jon automaticamente alcançaram sua barriga um pouco inchada. — E quanto a você? Como está o meu sobrinho-neto esta manhã?

Sua doce risada trouxe uma leveza extra ao coração dele. — Todo mundo é tão insistente que estamos tendo um menino. Poderia facilmente ser uma menina. E *ela* está ótima esta manhã. Começando uma tempestade.

— Espero que seja uma menina. — A risada de Jon ecoou no loby quase vazio. — Serviria a McCracken direito de ter uma filha depois de amarrá-lo por dois anos.

— Ei, eu compensei isso. — O próprio diabo, sargento Luke McCracken, saiu da sala de descanso e foi até Sophie, passando o braço pela cintura dela e puxando-a para perto dele.

O ciúme coçou sob a pele de Jon. Ele nunca se importou muito com a falta de companhia feminina em sua vida. Houve algumas mulheres aqui e ali ao longo de sua vida, mas nenhuma que ficou por muito tempo. Ele era casado com o trabalho, a força de sua vida e os homens e mulheres que trabalhavam lá eram os seus filhos. Nenhuma mulher parecia capaz de aceitar isso. Mas desde que uma mulher de cabelos e olhos castanhos cruzou seu caminho um mês antes, a solidão se tornou quase demais para ele suportar.

O que não fazia sentido.

Ele nem tinha falado com ela, nem uma palavra. E ela era jovem demais para um homem velho como ele.

Camille Artiga. Uma mulher de 22 anos e assistente de farmacêutico no ano passado. Ela abandonou um programa altamente competitivo de medicina na Universidade de Pittsburgh há dois anos por motivos desconhecidos. Seus pais foram mortos devido a um acidente de carro cinco anos antes. Seus únicos parentes vivos eram dois irmãos com paradeiro atualmente desconhecido. Atualmente, Camille era procurada sob a acusação de resistir à prisão e de não comparecer.

Jon memorizou seu maldito arquivo. Ele ficou sentado naquele tribunal por três horas, esperando que ela aparecesse e se declarasse culpada pela acusação de fugir de um policial. Mas ela nunca apareceu, e isso não se encaixa bem com ele. O cara que ele colocou nela, no primeiro dia em que ela cruzou seu caminho, a perdeu depois de apenas duas horas. Desde então, nenhum fragmento de evidência foi encontrado sobre onde ela poderia estar

ou como estava envolvida nos crescentes problemas com drogas na área deles.

Tudo o que Jon sabia era que, no momento em que seus olhos se conectaram quando ela passou por ele no saguão da delegacia de Middleburg, algo despertou vida dentro dele. Uma necessidade que ele nunca havia sentido antes. Para possuir. Proteger. Ele ficou tão impressionado com o peso avassalador da presença dela, que nem sequer correra atrás da mulher obviamente aterrorizada. Tudo o que ele fez foi ficar lá e assistir enquanto ela subia no banco do passageiro de um carro com janelas escuras, enquanto acelerava.

Esse momento havia jogado em sua cabeça na semana passada. O que ele teria feito de diferente. Como ele a teria puxado em seus braços e enxugado o que quer que a assustasse.

— Chefe. — McCracken invadiu sua obsessão e, aparentemente, tentava chamar sua atenção há algum tempo. — Você está bem, chefe?

— Sim, apenas tenho muito em minha mente. Você já parou de tatear minha sobrinha agora? — Sophie zombou e deu um tapa no braço dele, mas seu sorriso mostrou que ela realmente não se importava com as provocações.

— Sim senhor, eu tenho algumas coisas que gostaria de discutir com você, se você não se importa. — McCracken era um bom sargento. Ótimo mesmo. Um líder e policial nato. Ele poderia facilmente ter feito sua carreira em uma cidade maior, mas Jon estava feliz por ele ter decidido ficar em Middleburg.

— Vamos chegar lá então. — Ele levou McCracken para o escritório, Jon tomando o ar alto atrás da mesa, enquanto o sargento se sentava em uma das duas cadeiras do lado oposto. — E aí?

— Chefe, temos que obter mais ajuda aqui com este caso de drogas. — Luke colocou as mãos na frente do rosto, levando um minuto para reunir

seus pensamentos. Era uma das muitas coisas que Jon gostava no cara, ele nunca falava antes de formular suas palavras, medindo-as para garantir que eles entendessem o assunto da maneira mais eficaz. — Este caso é muito maior do que pensávamos originalmente. Uma organização vendia maconha, heroína e metanfetamina. Sem mencionar a destruição intencional de uma casa e o aumento de ataques inexplicáveis. As vítimas podem estar se recusando a cooperar, mas todos sabemos que esses idiotas que trazem drogas para a nossa cidade são os culpados.

— Eu sei tudo isso, Luke. O que você sugere que façamos? O prefeito e o conselho da cidade nos negaram o financiamento de mais mão-de-obra e melhores equipamentos. Eu tentei de tudo para mudarem de idéia, mas eles insistem que podemos fazer isso sozinhos. — A frustração que ele foi capaz de enfrentar no ringue naquela manhã rapidamente aumentou novamente em seu peito. — Honestamente, parte de mim se pergunta se alguns dos membros do conselho podem estar recebendo propinas por nos negar o aumento de orçamento para contratar um detetive.

Não era um suspense, ele daria voz a alguém que não fosse Luke. Eles podem ser uma comunidade relativamente pequena em comparação com a sua irmã mais velha vizinha, Pittsburgh, mas eles têm sua própria parcela de corrupção e políticos famintos por poder.

Luke se inclinou, seus olhos ficando mais íntimos. — Eu posso ter uma maneira de obter a ajuda de que precisamos, sem a permissão do conselho.

— Vamos ouvir isso.

— Eu tenho uma amiga da faculdade, ela se formou em justiça criminal e psicologia anormal. Ela é detetive na cidade, mas está com alguns problemas porque cometeu o erro de se envolver com seu comandante. Acontece que o cara também estava transando com a filha do comissário. As notícias saíram e agora as coisas não são exatamente confortáveis no escritório para ela.

— Menos fofoca, McCracken, mais explicações sobre por que eu dou a mínima.

Luke balançou a cabeça, um sorriso irônico puxando seus lábios. — Ela está procurando fugir por um tempo. O comissário concordou em emprestá-la para nós, salário ainda pago pela cidade de Pittsburgh.

Jon levantou uma sobrancelha, a expressão familiar que colocou Luke em seu ceticismo. — Qual é o problema?

— Nada com que você precise se preocupar. O comissário quer que ela se vá até a poeira baixar, mas ele não pode demiti-la. Conversei com ela por telefone sobre isso, mas ela gostaria de descer e ver com o que estamos lidando antes de tomar sua decisão final. Ela está relutante, mas sabe que precisa fazer isso para manter sua carreira nos trilhos. Devo-lhe um favor, mas não voltará à delegacia.

Jon se recostou na cadeira, olhando a situação de todos os ângulos. Luke não estava exagerando, o problema das drogas estava fora de controle, e já fazia um ano. Quem estava por trás da operação ficou cada vez mais ambicioso. Eles tinham uma situação perfeita de circunstâncias, a cidade de Pittsburgh reprimiu fortemente as drogas e o crime dois anos atrás. Negociantes desesperados saíram dos limites da cidade e se estabeleceram nos subúrbios vizinhos. A faculdade vizinha também se expandiu há três anos e, desde então, um influxo de jovens adultos inundou Middleburg. O momento não poderia ter sido pior se alguém estivesse planejando. Os concessionários viam uma população crescente e incorporada, oprimida pelo abuso de drogas e álcool, e trabalhavam a seu favor.

Irritou Jon de verdade que esses caras eram espertos o suficiente para fugir de seus esforços para encurralá-los. Ele pensou mais de uma vez em pedir ao ATF para intervir, mas ele não estava pronto para entregar o controle de sua cidade ainda.

— Ok, vale a pena tentar. Vou ligar para o comissário e resolver os detalhes. Vamos manter isso entre nós por enquanto. Depois de acertar tudo, contaremos aos caras.

Jon passou o resto da manhã negociando telefonemas com o comissário e a detetive Formosa, preparando materiais para a próxima reunião do conselho da cidade e escrevendo avaliações de desempenho para cinco homens em sua força. Havia momentos em que ele sentia falta de patrulhar e investigar, papelada e besteira enchiam seus dias agora. Mas então ele lembrou a si mesmo que seu trabalho era lutar pelo bem-estar das pessoas que se colocavam em risco pela segurança de sua cidade, e sentiu que seu objetivo se solidifica.

Por volta das duas horas, um rugido de aplausos soou pela estação. *O que diabos está acontecendo agora?*

Jon se levantou da cadeira, pronto para dar aos garotos o inferno pelo que quer que eles estivessem fazendo, mas ele parou quando viu Coy e sua namorada, Lexis, de pé no cercado, prontos para um casamento.

— O que você diz chefe, quer nos casar?

Orgulho inchou no peito, bem como um nó na garganta. Coy foi uma de suas maiores realizações. O punk pintou com spray um porco gigante na lateral da casa de Jon quando ele era detetive na cidade. Em vez de prendê-lo, Jon pegou Bryan Coy sob sua asa e o ajudou a encontrar um lugar no mundo. Mostrou a ele que ele não precisava sucumbir às circunstâncias. Mesmo que tivessem sido circunstâncias de merda.

— Eu ficaria honrado, filho.

Todos entraram na sala de reuniões, incluindo o filho e os pais de Lexis. Jon havia casado apenas outro casal, o irmão e a cunhada, a mãe e o pai de Sophie. Falando sem parar, Jon contou à sala a força necessária para Bryan superar sua infância em um lar adotivo abusivo, e como ele havia

chegado. Ele também falou sobre Lexis e sua força como mãe solteira, criando um filho sozinha, enquanto trabalhava em três empregos. Combinadas, sua força seria capaz de mover montanhas.

Seus próprios pensamentos voltaram para Camille. Onde ela estava nesse momento? Ele a queria lá ao seu lado. Se ao menos ele pudesse ter certeza da segurança dela. Ele não se permitia sonhar que uma coisa jovem e bonita como ela se rebaixaria para ficar com um homem com o dobro da sua idade. Mas só saber que ela estava bem, ajudaria muito a aliviar sua mente.

Jon pronunciou o feliz casal como marido e mulher, Bryan mergulhando sua nova noiva em um beijo dramático antes que Jon pudesse expressar as palavras, convidando-o a beijar sua esposa. Sobre os aplausos da sala lotada, Jon pensou ter ouvido algo como soluçar no saguão. Assim que ele se virou para se mover daquela maneira, um barulho ecoou pela estação.

A sala inteira entrou em ação, vinte policiais, quatro civis e uma criança, parando estridente no local do saguão. Uma garota muito espancada no chão, as cadeiras que uma vez cobriam a parede agora estavam viradas e espalhadas pela sala, como se ela tivesse tentado chegar até elas, mas só conseguiu derrubá-las com ela. Lexis, uma enfermeira, ajoelhou-se ao lado do corpo caído da mulher, virando-o para ficar deitado de costas. Depois que o cabelo caiu do rosto, Jon reconheceu a garota que havia assombrado seus pensamentos no mês passado. Mesmo através do sangue, hematomas e inchaço que cobriam seu rosto, sua beleza e inocência ainda brilhavam. Lexis listou seus muitos ferimentos. Dedos, dedos dos pés e ossos faciais quebrados. Queimaduras apimentaram sua pele. Cortes rasos ao longo dos braços. Todos os sinais de que ela havia sido torturada. E esses eram apenas os ferimentos que eles podiam ver. A cor de sua camisa desfiada era indistinguível porque estava tão saturada em seu próprio sangue. Mas quando os olhos de Jon percorreram suas pernas, ele viu que ela usava o mesmo jeans do dia em que saiu da estação um mês atrás. Não havia como confundir as penas de pavão ao longo do lado delas.

Chegando a ajoelhar-se ao lado da cabeça dela, ele teve que exercer mais controle sobre suas emoções do que nunca em sua vida. Lá dentro, ele se enfureceu, morrendo de vontade de despedaçar qualquer monstro que pudesse fazer isso com alguém, quanto mais uma mulher como Camille. Externamente, ele gentilmente embalou sua cabeça em suas mãos, certificando-se de estabilizar seu pescoço em caso de ferimento na cabeça. Ao redor dele, as pessoas corriam, chamando uma ambulância, escoltando o filho e os pais de Lexis para fora do prédio, protegendo a cena e tirando fotos de Camille. Jon queria desesperadamente cobri-la, dizer a todos para ir embora e deixá-la com ele. Ele cuidaria dela. Mas ele sabia que ela precisava de mais ajuda do que ele poderia dar a ela.

O tempo deixou de existir. Os paramédicos estavam lá um minuto e no próximo estavam chegando no hospital, levando-a a um quarto. O tempo todo Jon ficou ao seu lado. Cada vez que alguém tentava fazê-lo recuar, ele apenas olhava para eles.

As únicas coisas que chegaram até ele foram as palavras de um cirurgião. — Ela tem hemorragia no abdômen. Nós precisamos operar. Se você quer que ela viva, precisa ficar aqui e nos deixar fazer o nosso trabalho.

Relutantemente, Jon a soltou e deu um passo para trás quando a levaram para longe.

Uma mão apertou seu ombro, mas ele estava entorpecido demais para se surpreender com a súbita intrusão.

— Chefe, ela vai ficar bem.

— Luke, quando encontramos os bastardos que fizeram isso. Vou precisar que você me mantenha longe deles. Isso ou prepare suas algemas para mim.

CAPITULO DOIS

Camille

Tudo dói.

Não que a dor fosse algo novo para Camille.

Isso foi diferente. Uma espécie de dor dolorida. Não a dor aguda e torturante a que ela foi submetida por semanas. Vislumbres do aconteceu com ela passaram por sua mente, mas ela os afastou.

Suas pálpebras estavam pesadas e se recusou a abrir, mas ela sabia que não estava mais deitada naquele quarto imundo. Onde quer que estivesse agora, cheirava limpo, estéril. Um hospital.

Isso explicaria também o fraco sinal sonoro em segundo plano.

Ela escapou, mas não seria por muito tempo, especialmente desde que ela estava deitada desamparada em um hospital. Nada os impediria de entrar e finalmente acabar com ela. Estranhamente, ela não sentiu o pânico que esperava com esse pensamento. Talvez os médicos a tivessem dado ótimas drogas, ela odiava esse pensamento. Assim que ela pudesse abrir os olhos, diria a eles para tirá-la de tudo. Ela prefere suportar dores intermináveis do que se transformar em viciada como os que viu, eles faziam qualquer coisa para o próximo golpe.

— Chefe, você tem que sair. As pessoas estão começando a conversar. Isso não parece certo. — Uma voz que ela reconheceu, mas não conseguiu identificar, flutuou em sua mente.

Com as palavras do homem, algo apertou sua mão. Algo quente e áspero, mas agradável. Levou um minuto para perceber que não era algo, mas alguém. Alguém segurou sua mão e, julgando a aspereza da pele e a maneira como ela envolvia totalmente sua mão menor, era um homem. Um homem grande.

— Você acha que eu dou a mínima para o que as pessoas estão dizendo? — Uma voz profunda e cheia de tensão vibrou no ar ao seu redor. A voz deveria tê-la assustado, mas não o fez. Em vez disso, sentiu-se compelida a acalmar o que incomodava o dono daquela voz. — Eu não vou deixá-la até que ela acorde. E mesmo assim não será por muito tempo.

— Jon. — O primeiro homem implorou. — O que é isso tudo? Tivemos vítimas em pior estado do que ela antes, você nunca agiu assim. Somos amigos, certo? Não sou seu funcionário agora, sou o cara que você tratou como filho pela metade da minha vida. Me faça entender.

O silêncio se seguiu. Exceto pelo pequeno bipe constante, nada além das respirações irregulares do homem sentado ao lado dela chegou aos ouvidos de Camille.

— Ela é *minha*. — O rosnado se intensificou com essa palavra.

Minha.

Ela não tinha idéia de quem era o homem que segurava a mão dela e a reivindicava, como ele era, mas isso não parecia importar. Essa palavra trouxe paz ao mundo dela. Algo que ela não experimentava há muito tempo. Anos.

Ocorreu-lhe que essa seria a primeira vez que alguém a tocara sem a intenção de administrar dor desde que ela era adolescente. Estava bem. Melhor que bom. Essencial.

— Chefe... — A primeira voz sussurrou.

— Eu sei Coy. Eu sei que não faz sentido. Mas desde o primeiro momento em que a vi, era a única coisa que sabia com certeza. Ela. É. Minha. Não sei o que isso significa ou o que vai acontecer, mas sei que tenho que proteger essa mulher. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir a segurança dela.

Coy. Esse nome parecia familiar. Ela estremeceu o cérebro, procurando como sabia o nome e a voz. Oficial Coy. Foi ele quem a prendeu e a interrogou, depois a deixou entrar nas mãos de seus atormentadores. Não que ele soubesse disso.

Camille precisava acordar. Para abrir os olhos dela. Ela tinha que ver o homem sentado ao lado dela, porque começou a pensar que sabia quem ele poderia ser, mesmo que só o tivesse visto por um segundo fugaz.

Com grande esforço, ela abriu as pálpebras. Eles pareciam arranhar a superfície seca dos olhos dela. Ela se afastou da luz ofuscante que a dominou assim que conseguiu abri-los.

— Camille? — A voz profunda, aliviou sua dor o suficiente para tentar novamente.

Ela se moveu ainda mais devagar, abriu os olhos uma fração e tentou entender a forma embaçada ao lado dela. — Muita luz. Por favor.

— Ok, querida, ok. — O quarto ficou alegremente escuro. — Coy, vá procurar o médico.

Passos ecoaram na sala quando o policial os deixou sozinhos, mas Camille não conseguia tirar os olhos do homem à sua frente. Ela estava certa em sua avaliação de ele ser grande. Ele se elevou sobre sua cama, ombros impossivelmente largos, mas ela não se sentiu nem um pouco intimidada. Em vez disso, ela se sentiu segura.

— Oi. — Sua voz era pouco mais que um murmúrio sussurrado, mas ele não parecia se importar. Um largo sorriso se espalhou por seu rosto.

— Oi, querida. — A mão dele ainda segurava a dela, mas a outra surgiu para tirar um pouco do cabelo da testa dela. — Como você está se sentindo?

— Não estou ótima, mas é melhor que ontem. — Ela se mexeu, procurando uma posição mais confortável, mas não importava como se

organizasse, a dor ainda silenciosamente assolava seu corpo. Ela olhou para as mãos unidas, um pouco surpresa ao encontrar os dedos enfaixados segurando firmemente a mão dele. — Quem é você?

— Merda, desculpe. Eu continuo esquecendo que você ainda não me conhece. Parece que você já deve saber tudo sobre mim. — Para qualquer outra pessoa, essa frase pareceria louca, além do mais, mas a partir desse homem isso a deixava feliz e contente. — Sou o chefe Jon Gallo, do departamento de polícia de Middleburg. Eu estava lá quando você desmaiou no saguão da nossa estação. Você se lembra disso?

— Lembro-me de caminhar até a estação, abrir a porta e pensar que não havia ninguém lá. Depois disso, está tudo em branco. — Toda essa conversa provou ser difícil. Mesmo nas melhores circunstâncias, Camille não usava muitas palavras. Nas últimas semanas, ela não conseguiu dizer nada e sua garganta ardeu devido à falta de uso e água. — Posso tomar uma bebida?

— Não tenho certeza, querida. Temos que esperar o médico para ouvir o que eles dizem. — Jon sentou-se novamente, ainda segurando a mão dela na dele, o polegar grande varrendo a palma da mão. O calor e a segurança que ele forneceu a deixaram sonolenta, mas Camille lutou contra a necessidade de mergulhar novamente. — Você sabe há quanto tempo você está aqui, Camille?

— Acho que já faz um ou dois dias. Isso está certo? — Ela piscou, lutando para abrir os olhos mais uma vez. Deus, ela queria dormir de novo.

— Não, doce menina. Já se passaram mais de duas semanas. Eles colocam muitos remédios para você dormir e dar um tempo para curar. — Apesar de seu tom suave, o pânico surgiu na mente de Camille.

— Duas semanas? Eles vão me encontrar. Eles provavelmente já sabem onde estou. É apenas uma questão de tempo, preciso sair daqui. — Uma explosão branca e quente de dor a deixou ofegante enquanto tentava se sentar, mas ela lutou contra ela, determinada a fugir novamente.

— Shhhhh, shhhhh. Olhe para mim, Camille. — A voz de Jon era firme, mas suave. Relutantemente, ela parou de lutar contra ele e olhou nos olhos cinzentos e esfumaçados dele. Suas mãos desgastadas cobriram o rosto dela, mantendo-a imóvel e concentrada apenas nele. — Nunca deixarei que nada aconteça com você. Quem estiver atrás de você nunca mais chegará perto. Temos dois policiais no salão à paisana o tempo todo. Você está registrada com um nome falso com ferimentos falsos. E mesmo que os desgraçados que fizeram isso com você encontrassem um caminho para esta sala, eu ficarei aqui o tempo todo e matarei quem tentar colocar a mão em você. Você entende?

Camille assentiu, lágrimas se formando em seus olhos, que ela não possuía força para se segurar. Jon limpou as trilhas salgadas molhadas o mais rápido que elas vieram, mantendo o contato visual intenso com ela.

— Você não tem motivos para temer nada a partir de agora. Mesmo depois que você sair daqui, eu estarei com você a cada passo do caminho para garantir que você esteja segura pelo o resto da sua vida. — Gentilmente, ele pressionou os lábios na testa dela.

Uma estranha queimação percorreu seu corpo com a leve pressão de sua pele contra a dela. A boca dele era mais suave do que ela jamais imaginou. Pelo que ela podia ver e sentir, o homem parecia ser pura força, mas ele a tratou com o máximo de delicadeza.

Sensações que ela nunca experimentou antes invadiram seu corpo para acumular uma pulsação profunda entre as pernas. Mesmo machucada ela o queria. Algo que ela nunca tinha conhecido antes. Desde a adolescência, homens e meninos eram algo a ser temido, evitado. Eles nunca despertaram qualquer tipo de desejo nela, mas esse homem estranho fez na primeira conversa que ela teve com ele.

Mas ele era muito mais velho que ela. Pelo menos quarenta para os vinte e três. Ele não podia vê-la como algo além de uma garotinha patética que precisava ser cuidada. Mas mesmo que fosse esse o caso, Camille

aceitaria. Ela aceitava qualquer coisa que ele estivesse disposto a dar a ela, porque pela primeira vez ela sabia como era o carinho e se recusava a deixar passar.

A porta se abriu e um médico e uma enfermeira entraram, interrompendo a conexão entre Camille e Jon. Eles cutucaram e cutucaram nela. Eles pegaram órgãos vitais, sangue e fizeram uma série de testes para garantir que ela não sofresse nenhum traumatismo craniano. No final, eles disseram que ela iria se recuperar. A maioria de seus ferimentos foi superficial, doloroso, mas não alteraria nada em sua vida. Seus dedos das mãos e pés foram redefinidos enquanto ela estava apagada, mas não havia muito que eles pudessem fazer sobre as costelas machucadas e quebradas. Ela tinha um pouco de hemorragia interna que eles haviam parado com cirurgia, mas a incisão era pequena e curaria rapidamente. No entanto, levaria algum tempo antes que ela pudesse se mover sem estremecer.

— Camille, há mais uma coisa que precisamos discutir. Vou pedir ao seu amigo aqui para nos dar um tempo a sós. OK? — O médico lançou um olhar de desprezo mal escondido para Jon, que o devolveu com um silêncio pedregoso.

Eles iriam fazer Jon deixá-la? Não! Ele estava segurando a mão dela o tempo todo que a examinavam, apenas se movendo quando uma das enfermeiras precisou verificar um ferimento. O pensamento de deixá-la ir e deixá-la sozinha fez seu corpo tremer de medo.

Ignorando o médico, Camille voltou os olhos para seu protetor. — Por favor, não me deixe aqui. Não quero que você vá embora.

— Eu não vou a lugar nenhum, querida. — Ele se virou para o médico agora fumegante. — Qualquer coisa que você precise discutir com ela, você pode dizer na minha frente. Mas vou ficar de boca fechada.

— Você tem certeza, Camille? Essas próximas perguntas podem ser de natureza bastante pessoal.

— Tenho certeza. Eu não quero que ele vá embora. Mesmo por um minuto.

— Está bem então. — O médico deu um suspiro irritado e se sentou na beira da cama. — Quando você entrou, não fomos capazes de realizar um exame ginecológico para verificar sinais de agressão sexual. — Mais uma vez, o médico lançou um olhar fulminante para Jon, mas rapidamente continuou. — Precisamos saber, você foi agredida sexualmente? Existe alguma chance de você estar grávida? Todos os exames de sangue que fizemos foram negativos, mas se for cedo o suficiente em uma gravidez, o sangue não mostrará sinais por mais algumas semanas.

Antes que o médico pudesse terminar suas perguntas, Camille balançou a cabeça com mais vigor do que ela pensava que seu corpo dolorido seria capaz de lidar. — Não, eles nunca me tocaram... assim. Eu juro.

— Você tem certeza, Camille? Não há nada para se envergonhar. Todos nós entendemos que você passou por uma grande provação.

— Eu prometo a você, nada disso aconteceu. — Ela se virou para Jon, querendo que ele soubesse que eles não a machucaram sexualmente. — Os homens que fizeram isso, foram por ordem do meu irmão. Ele pode ser mau, mas nunca os deixaria fazer isso. Ele os mataria se eles tentassem.

Um desfile de emoções se estendeu pelo rosto de Jon. Primeiro alívio ao saber que ela não tinha sido agredida sexualmente. Então, raiva por ter sido seu irmão fazer isso com ela. Finalmente, determinação. E, mesmo sem ter que perguntar, Camille sabia que ele pegaria os homens responsáveis por seus ferimentos.

***

Depois que o médico saiu, ela voltou a dormir, agora sem ajuda dos medicamentos bombeando nela. A dor voltou lentamente para o primeiro plano, já que os narcóticos haviam passado. Embora seu corpo doesse por alívio, sua mente se sentia à vontade sabendo que não dependeria de nada, além de Tylenol e sua própria força.

Todos eles tentaram convencê-la a ficar na morfina, mas ela recusou. E Jon a apoiou, de alguma forma instintivamente sabendo que não confiar em drogas era importante para ela.

Jon tinha um jeito de saber exatamente o que ela precisava, antes que ela precisasse. Água, Tylenol, um travesseiro extra, ele parecia estar produzindo do nada antes que ela pudesse pedir por eles. Ele até reconheceu quando a mão dela começou a ficar dolorida devido a seu aperto suave, ao invés disso mudou sua mão para deitar no joelho dela. Camille desejou desesperadamente que cada centímetro dela não estivesse tão dolorida. Ele trocava de lado entre as mãos dela para dar uma folga, e quando os ossos quebrados nas duas eram demais, ele descansava as mãos grandes nos joelhos, tornozelos ou no ombro dela. Não importa o quê, ele sempre parecia precisar de contato com ela de alguma forma. Ela também.

Antes que ela adormecesse, ele explicou que ela precisaria conversar com a polícia. Ela precisaria contar a eles tudo o que aconteceu com ela desde que deixou a delegacia no mês anterior. Ela precisaria contar a eles sobre seu irmão e seu papel no círculo de drogas que assola a cidade. Ela também precisaria contar a eles seu papel nisso.

Camille estava agradecida por ele ainda não ter perguntado os detalhes. Ela se sentiu assim que ele soube o quão profundamente ela era na organização, ele nunca mais iria a quer ver, e ela não podia suportar esse pensamento.

CAPITULO TRES

Jon

Observar Camille dormir era testar a resistência de Jon mais do que qualquer ronda no ringue de boxe que ele já havia experimentado. Sem as drogas, ela não podia se sentir confortável. Ela se mexeu, gemendo e choramingando cada vez que atingia um novo ponto dolorido em seu corpo. Cada pedaço dele sendo puxado para consertá-la, fazê-la melhorar. Proteja-a da dor. Mas nem mesmo sua necessidade de que ela

ficasse bem poderia reparar os ossos quebrados e os hematomas profundos. Somente tempo e descanso poderiam fazer isso. Mas saber disso não facilitou as coisas.

Finalmente, ela pareceu encontrar uma posição que lhe permitisse mergulhar em um sono mais relaxado. Meio virou-se de lado, com travesseiros ajudando a sustentá-la e o cobertor cobrindo-a do queixo aos pés.

Jon era um homem grande. 1,92 e mais de duzentos quilos de músculo. Então, quase todo mundo parecia pequeno para ele. Mas Camille, enrolada no meio da cama do hospital, parecia minúscula. Então, a necessidade de proteção, quase o matou.

A porta do quarto dela se abriu e ele olhou para ver McCracken entrando com uma mulher desconhecida. Ela era alta, com quase um metro e oitenta, se ele precisasse adivinhar. Seu corpo era esbelto, de maneira atlética, com quadris estreitos e um pequeno peito. Ela usava um terno cinza de corte fino, com uma blusa branca e salto preto. Mesmo que McCracken não tivesse falado com ele sobre a chegada da detetive Formosa, Jon teria sido capaz de identificá-la como detetive a alguns quilômetros de distância.

De pé, perto de Camille, Jon, com relutância, tirou a mão da perna dela e atravessou a sala para cumprimentar os recém-chegados. — McCracken, suponho que esta seja sua famosa detetive Formosa, não achei que ela pudesse vir por mais algumas semanas.

— Sim senhor. Por favor, me chame de Ana, todo mundo faz. — Ela estendeu a mão e ele a pegou, surpreso com a força de seu aperto quando eles apertaram as mãos. — Luke me avisou sobre a vítima, então decidi sair e começar cedo, enquanto também procurava um apartamento. Preciso voltar para amarrar algumas pontas soltas antes de estar aqui em período integral no próximo mês. — Formosa se inclinou ao redor do corpo de Jon para vislumbrar Camille. — Eu esperava que a vítima estivesse acordada para que eu pudesse questioná-la.

Seu uso da palavra vítima o irritou. Ela tinha um nome, droga. Camille não era uma vítima sem rosto na cidade. Ela era a garota dele, e essa mulher seria sábia em reconhecer isso. — O nome dela é Camille, não vítima. E ela está dormindo agora. Volte amanhã.

A detetive levantou uma sobrancelha, obviamente intrigada com a resposta protetora. — Seria melhor se a interrogássemos mais cedo. Os fatos serão mais claros e podemos começar a procurar os idiotas que fizeram isso com ela.

Porra. Jon sabia que ela estava certa, mas ele odiava o que deveria perturbar Camille agora que ela estava descansando em paz.

— Jon?

O pânico encheu a pequena voz atrás dele, e ele se virou para ver Camille procurando na sala por ele. — Estou bem aqui, querida, não se preocupe, não vou deixar você.

— Eu não conseguia mais sentir sua mão em mim. Pensei que tinha ido embora. — Os olhos lacrimejantes imploraram que ele ficasse.

— Agora você sabe melhor que isso. Eu não estou indo a lugar nenhum. — Ele colocou a mão de volta na perna dela, logo acima do joelho dela, lutando contra a imagem de como seria deslizar sua pele com barba sobre as coxas sedosas. Os pensamentos totalmente inapropriados não o deixariam em paz. A pobre menina estava deitada desamparada e espancada em uma cama de hospital, e ele só conseguia pensar na terra prometida que estava entre suas coxas. Forçando sua mente a se afastar desses pensamentos, ele se concentrou na tarefa em questão. — Camille, meu amigo do departamento de polícia e uma detetive estão aqui para fazer algumas perguntas. Você está pronta para isso?

Camille olhou para os dois ainda pairando na porta. — Eu acho que sim. Você vai ficar, certo?

— Claro. — A voz ainda áspera de sua provação, Jon poderia dizer que ela estava tentando parecer confiante, mas sua mão livre preocupou-se com o cobertor sobre o peito.

Jon acenou com a cabeça para McCracken e Ana, e eles caminharam tomando as duas cadeiras no outro lado da cama de Camille.

— Oi, Camille. — A voz da detetive era mais suave e compassiva do que ele teria esperado dela, dada a introdução deles. — Eu sei que você está com muita dor e está com muito medo agora. Mas precisamos saber o que aconteceu para que possamos começar o trabalho de encontrar essas pessoas.

— Compreendo. Está na hora. Fiquei quieta por muito tempo. — Camille estendeu a mão enfaixada em direção a Jon, e ele a pegou gentilmente, não querendo lhe causar mais dor.

Formosa olhou rapidamente para as mãos juntas, depois olhou para o rosto de Camille. A detetive não parecia muito satisfeita com a maneira como Jon e Camille agiam um com o outro.

— Ok, basta responder da maneira mais completa e honesta possível, parece bom?

Camille assentiu com firmeza, mas Jon podia sentir o tremor na mão dela.

— Você conhece as pessoas que fizeram isso com você?

À sua esquerda, McCracken pegou um bloco e caneta para fazer anotações, mas Formosa continuou a se concentrar em Camille, aparentemente sem precisar escrever nada.

— Sim. Eu sei quem realmente machucou e quem ordenou. Richard Artiga é meu irmão, e por um tempo foi meu guardião depois que nossos pais morreram. Ele é um pouco mais velho do que eu, meus dois irmãos são. Eles

tiveram meus pais um pouco mais tarde em suas vidas. Enfim, meu irmão ordenou que dois de seus homens fizessem isso comigo. O nome deles é Henry Complese e Mac York.

— Camille, por que seu irmão ordenaria que seus homens torturassem você? — Formosa cruzou as pernas e apoiou os antebraços sobre os joelhos, inclinando-se como se estivessem simplesmente conversando, não um interrogatório.

— Porque fui presa no mês passado por fugir da polícia quando eles apareceram no meu trabalho. — Camille deixou a cabeça cair no travesseiro. Seu rosto cheio de exaustão fez Jon querer parar com o interrogatório, mas ele sabia que seria melhor acabar logo com isso. — Eles pensaram que eu poderia ter dado informações à polícia. Essa foi a razão das batidas iniciais quando fui lançada. Então eles me deixaram em paz por algumas semanas, mas eu ainda estava em um quarto no porão, sem muita comida ou água. Alguns dias antes de eu me afastar, meu irmão decidiu que eu precisava ser punida por trazer maior escrutínio de sua operação, por fazer seus funcionários duvidarem dele. Ele me bateu na frente de todos os caras de alto nível, como exemplo. Então ele virou alguns de seus caras mais sádicos para mim como uma recompensa. Disse que eles não tinham permissão para me tocar... você sabe... hum... sexualmente. Mas eles poderiam fazer praticamente qualquer outra coisa.

— Surpreendeu você que sua própria família deixasse fazer isso com você? — A detetive parecia horrorizada com a história de Camille, mas ainda Jon se irritou com a pergunta.

— Não me surpreendeu nada. — A voz de Camille não teve emoção, apenas resignação. — Rich nunca gostou muito de mim. Ele é quase vinte anos mais velho do que eu, e meus pais me adoravam. Ele me culpou por alguns de seus problemas, e não tinha medo de me avisar enquanto eu estava crescendo. Nosso outro irmão, Leo, tentaria me proteger, mas ele foi para as

forças armadas quando eu era criança e se tornou militar. Ele está no Texas agora. Ele não tem ideia do que está acontecendo aqui.

Formosa assentiu solenemente e deu um pequeno sorriso a Camille. — Você está indo muito bem, Camille, obrigada por ser tão aberta. Agora, isso vai ser difícil, eu sei. Você pode me dizer exatamente o que os homens fizeram com você?

A sala ficou imóvel e cheia de pavor e antecipação. O coração de Jon bateu em seu peito a uma velocidade que algumas rodadas no ringue normalmente causam. Ele não queria ouvir isso. Ele odiava ter que imaginar sua garota sendo torturada por alguém que deveria tê-la tratado como a rainha que ela é.

Camille evitou os olhos de todos, mas não hesitou em explicar sua história. — Depois que fui libertada sob custódia, meu irmão me pegou na estação e nos levou até o armazém que ele usava como base de operações. Durante o passeio, ele não disse uma palavra. Ele não precisava, eu sabia que nada do que aconteceria a partir de então seria agradável. Quando chegamos aos dois homens...

— Complese e York? — Formosa tirou seus nomes de sua memória.

— Sim. Eles estavam esperando lá fora por nós. Um me agarrou pelos cabelos e me puxou para fora do carro. Ele me bateu no chão e amarrou minhas mãos com gravatas. Fui arrastada para o porão do prédio e jogada em uma sala. Eles foram embora e eu fiquei sozinha por provavelmente um dia. Havia um balde no quarto para eu me aliviar e uma pilha de cobertores sujos, mas era só isso. Em algum momento do dia seguinte, os três voltaram. Rich sentou em uma cadeira e me fez as mesmas perguntas repetidas vezes. *Por que você correu? O que eles perguntaram a você? O que você disse a eles? Por que você está mentindo?*

Sua voz falhou um pouco, o único sinal de que ela estava sendo afetada por sua própria história. — Toda vez que eu respondia de uma maneira que

eles não gostavam, eu levava um tapa ou um soco. Um dos homens me segurou enquanto o outro distribuiu o abuso. Perdi a noção de quanto tempo isso durou. Eventualmente, eles descobriram que eu não estava mentindo e me deixaram em paz.

No decorrer de sua vida, Jon havia sobrevivido mais do que sua parcela de dor. Filmado duas vezes no trabalho. Perdeu os pais e o irmão antes do tempo. Sem mencionar todas as pequenas maneiras pelas quais uma pessoa pode lutar no dia-a-dia. Mas nada poderia tê-lo preparado para a agonia absoluta de ter que ouvir Camille recontar sua provação. Ouvindo sobre como ela foi forçada a abrir um saco plástico de pão usando os joelhos e os dentes, e depois comer o pão do chão, porque suas mãos estavam presas atrás dela por quase três semanas. Sobre o irmão espancando-a enquanto os homens ficavam assistindo, alguns rindo. Sobre os homens que quebraram seus dedos enquanto diziam o que fariam com seu corpo se o irmão permitisse. Sobre como eles a matariam e jogariam seu corpo onde ninguém o encontraria.

Jon lutou para ficar em seu assento, silencioso, segurando Camille durante as duas horas em que a interrogaram. O conhecimento de que o sofrimento dele ao ouvir a história dela era uma mera fração do que ela teve que suportar o ajudou a permanecer no tribunal.

— No dia em que cheguei à delegacia, Rich começou a ficar paranóico com o fato de a polícia se aproximar. Fiquei ouvindo-o gritar do andar de cima sobre uma investigação de incêndio e havia muito calor em toda a operação. Ele decidiu mudar a base de operações novamente. Ele fez uma política de mudar a base a cada poucos meses. O mesmo acontece com as estufas, laboratórios de metanfetamina e locais de compra. Eles nunca ficaram muito tempo em um só lugar, isso impediu os vizinhos de suspeitarem. O armazém onde eu estava presa era bastante novo, mas ele decidiu sair mais cedo, por precaução. No caos, ninguém realmente pensava em mim, tenho certeza que eles pensaram que eu morreria de fome até e começaram a ficar relaxados sobre coisas como trancar portas ou não falar sobre detalhes em torno de mim. Por causa disso, consegui me esgueirar, consegui cortar as

presilhas de um pedaço de metal afiado que se destacava de um equipamento antigo e depois corri como o inferno até chegar à estação. É isso aí. Essa é a história toda.

A sala ficou cheia de silêncio e, apesar de odiar o assunto, Jon descobriu que sentia falta da voz suave de Camille. Ainda estava cru pelo dano que sua garganta havia sofrido por gritar durante sua tortura, mas não menos doce para seus ouvidos.

Formosa estreitou os olhos para Camille, obviamente se preparando para mais perguntas. Jon se impediu de intervir, sabendo que isso tinha que acontecer para pegar os homens responsáveis.

— Camille, eu não acho que essa seja a história toda. Ainda não sei como você se envolveu nessa coisa toda. De acordo com o seu arquivo, há dois anos você era o melhor da sua classe na pré-medicina na Universidade de Pittsburgh. Então, sem motivo, você desistiu. — A detetive recostou-se na cadeira, deixando um desapego frio o suficiente em sua voz para romper a aparência amigável que ela estava trabalhando antes, embora não o suficiente para parecer o inimigo. De má vontade, Jon teve que admitir que essa mulher era boa em seu trabalho. Ele só queria que não estivesse apontado para a mulher pela qual Jon daria a própria vida. — Diga-me Camille, como é que uma garota passa de uma carreira promissora como médica para ganhar quatorze dólares por hora reabastecendo as prateleiras das farmácias e saindo com um monte de drogados?

— Como eu disse, há uma diferença significativa de idade entre meus irmãos e eu. Quando eu era criança, acho que meus pais fizeram de Rich meu guardião no caso de sua morte. Eles também o colocaram no comando das contas bancárias que haviam criado para me ajudar a ir para a faculdade e me configurar se não pudessem estar lá para fazer isso. Meu pai tinha sessenta e poucos anos quando eu nasci, minha mãe com quarenta e poucos anos, então eles se preocuparam muito em garantir que eu fosse cuidada depois que eles passassem. — A bravura que Camille mostrou durante a entrevista

surpreendeu Jon. Ela não se afastou das perguntas de Formosa, simplesmente respondeu com seu lado da história. Ele viu homens crescidos desmoronar sob menos pressão. — Eu não acho que eles esperavam morrer de um vazamento de monóxido de carbono em nossa casa. Depois que eles morreram, Rich era tecnicamente meu guardião, mas eu morava na minha casa de infância e ele morava em seu apartamento, e ele só me importunava quando precisava. Então eu fui para a faculdade e ele pagou pela minha educação, como a vontade havia instruído. Mas então a economia entrou em colapso. Rich foi demitido da empresa de marketing em que trabalhava na época. Por um tempo, ele viveu da economia, mas diminuiu rapidamente. Um amigo se aproximou dele sobre a operação de maconha. Rich concordou e foi assim que tudo começou. Eventualmente, Rich queria aumentar a operação de cultivo, ganhar mais dinheiro. Mas ele precisava de mais dinheiro para fazer isso acontecer. Ele disse que se eu não abandonasse a escola e assinasse os fundos restantes, ele venderia a casa dos meus pais e eu nunca mais teria permissão para voltar.

Finalmente, depois de horas de interrogatório, as rachaduras começaram a se formar na casca dura da força de Camille. Nem uma única lágrima caiu durante toda a entrevista, até o momento em que ela contou como sua bola de lodo de um irmão ameaçava arrancar suas memórias de seus pais. Uma vez que eles começaram, ela parecia incapaz de segurá-los mais, os riachos de água escorrendo por suas bochechas afundadas.

— Eu concordei, desisti e consegui um emprego como técnica de farmácia, imaginando que isso me daria uma vantagem quando eu voltasse para a faculdade. No começo, a operação de maconha era a única coisa em que ele tinha as mãos, mas ele se aventurou em outras avenidas. Em um ponto, ele era quase como um empreiteiro geral, apenas para drogas. Ele não tinha participações em todas as operações na área, mas consultou alguns caras de nível superior, os colocou em contato com outras pessoas que poderiam ajudar. Mas Rich ficou cada vez mais ganancioso. Ele mergulhou em algumas das coisas mais difíceis que ele vendeu. Seu parceiro de negócios original desapareceu um dia e nunca mais o vimos. Sempre suspeitei que Rich

o matou, mas não posso provar. Mas deixou Rich encarregado da casa de cultivo e capaz de expandi-la da maneira que quisesse. Ele entrou em contato com alguns caras que traziam heroína do Canadá, recrutou alguns cozinheiros de metanfetamina que haviam sido deslocados da cidade e começou a segurar minha casa sob minha cabeça para conseguir que eu roubasse alguns ingredientes da farmácia. Ele descobriu uma maneira de fazer comprimidos que se pareciam exatamente com os comprimidos que eu roubei e substituímos os comprimidos perdidos pelos placebos que ele fazia em casa. — Camille balançou a cabeça e olhou para Jon, tristeza e medo ainda nublando aqueles belos azuis. — Juro que não queria fazer parte do que ele estava fazendo, mas não tive escolha. Não pude perder a casa em que cresci. As lembranças dos meus pais. Antes que eu soubesse o que tinha acontecido, eu era uma prisioneira em minha própria vida, muito antes de ele me trancar. Ele disse que, se eu tentasse sair, ele garantiria que eu fosse suspensa durante toda a operação. Rich sempre foi brutalmente inteligente. Mas acho que o poder e as drogas que ele tomou aumentaram sua personalidade e a acalmaram em sua forma mais pura e mais maligna. Sinto muito, Jon, eu deveria ter tido a coragem de falar na primeira vez que fui apanhada.

— Ei, menina doce, não há nada para se desculpar. Você sobreviveu. E por isso sou eternamente grato. — Jon queria desesperadamente beijar Camille, acalmar suas preocupações com os lábios e as palavras dele. Mas ele estava ciente dos olhares minuciosos de McCracken e Formosa. Ele não conseguiu evitar tocá-la de alguma maneira, no entanto. Ele estendeu a mão e a envolveu em seu antebraço muito fino, simplesmente segurando-a em um dos poucos lugares não machucados. O calor de sua pele sob a dele tranquilizou-o de que ela era real, algo que ele duvidara inúmeras vezes depois que ela desapareceu da estação.

Camille suspirou, o mais doce assobio de ar através dos lábios, e inclinou-se levemente na direção dele. Jon ignorou os olhares curiosos de seus funcionários do outro lado da cama, ignorou tudo, exceto a correção de ter sua doce Camille perto e segura.

CAPITULO QUATRO

Camille

Contar a história de como ela se envolvera no crescente império de drogas de Rich foi um tanto catártico. Era um segredo que ela mantinha por quase dois anos, todos os dias dos quais vivia com medo de seu irmão. Mas agora tudo estava aberto, e ela se sentiu melhor.

Na maioria das vezes.

O medo ainda parecia uma bigorna no estômago. Rich não pararia até que ela estivesse morta. Ela sabia disso, ele não era nada, se não determinado, e se suas suspeitas estavam certas, não seria a primeira vez que ele mataria alguém. Mas com Jon ao lado da cama, o medo não era tão agudo. Em vez disso, simplesmente existia no fundo, como ruído branco.

A detetive continuou fazendo perguntas, parecendo tentar obter detalhes de Camille que ela simplesmente não tinha. Ela pode saber mais do que Rich queria que ela soubesse da operação, mas ela não sabia de tudo. Ela não sabia onde eles se esconderam depois de deixá-la morrer no porão. Ela não sabia quais eram seus planos a partir deste momento. Ela não sabia como ele conseguiu algumas drogas, ou como eles as distribuíram aos pequenos traficantes. Ela também não sabia qual era seu objetivo final.

Finalmente, Jon acabou com o interrogatório, apesar dos protestos dos outros.

— Sem desrespeito, chefe, mas ainda tenho algumas perguntas para Camille. — A mulher, Formosa, disse em um tom que indicava que não tinha medo de seu oficial superior. — Você não deveria estar pressionando para que trabalhemos mais duro no caso, não ficar tranquilo com nossa única testemunha material?

Camille ficou quieta, sabendo que Jon conseguiria o que queria no final, e, verdade seja dita, ela ficou cada vez mais exausta com cada pergunta. Ela deitou a cabeça nos travesseiros, fechou os olhos e deixou os oficiais discutirem sobre ela.

— Você pode ser da cidade, e acha que isso a deixa de alguma forma acima de mim, mas vou lembrá-la de que este ainda é meu território, e você está aqui a meu pedido. — Jon manteve a voz calma, mas a ameaça de violência ainda era claramente reconhecível por baixo. — Agora, digo que Camille já teve o suficiente, e ela nos disse tudo o que podia. Precisamos deixá-la descansar.

— Chefe, eu gostaria de vê-lo lá fora por um momento. — A mulher novamente, o oficial McCracken, ficou quieto desde que chegaram.

— Não, eu não vou sair de perto da Camille.

— Jon, estaremos do lado de fora da porta. Nada vai acontecer. — Finalmente, o outro policial, McCracken, falou, seu tom suave e calmo.

Camille odiava que os homens de Jon o questionassem por causa de sua aparente necessidade de protegê-la. O trabalho era obviamente importante para ele, e ele estava perdendo o respeito das pessoas que deveria liderar. — Está tudo bem, Jon. Vou tentar dormir um pouco. Ficarei bem se precisar sair.

Os olhos de Jon suavizaram quando ele se inclinou sobre a cama, mantendo o antebraço dela apertado. — Eu não vou te deixar, querida. — Ele abaixou a cabeça, de modo que sua testa quase tocou a dela. A postura quase derrotada telegrafou o estresse e o conflito que a vida maior que o homem deve estar sentindo. — Mas eu vou conversar no corredor com esses dois por um momento. Se você precisar de alguma coisa, aperte o botão das enfermeiras e eu voltarei. Entendeu?

Camille não pôde deixar de sorrir. Ela havia conseguido uma nota quase perfeita em química orgânica, ela conseguia apertar um botão. Não que ele soubesse disso. — Entendi.

Ele continuou a pairar sobre o corpo dela, limpando muito a si próprio. Por um momento, Camille pensou que ele poderia beijá-la, e a ideia a emocionou como se ela nunca soubesse. Antes que ele pudesse se aproximar dela, a detetive perto da porta pigarreou, obviamente ficando impaciente com o chefe.

Jon fechou os olhos, respirou fundo e soltou-a delicadamente antes de sair da sala.

No instante em que a porta se fechou atrás dele, surgiu o pânico cuidadosamente escondido de Camille. — Você está bem. Ninguém vai te machucar. Jon está do lado de fora. — Ela repetia os mantras, baixinho, desejando que seus nervos desgastados se sustentassem por apenas mais um minuto. Só até o seu protetor pessoal voltar.

Determinada a se concentrar em qualquer outra coisa, Camille arrancou os cobertores rígidos do hospital que cobriam seu corpo. Ela fez um balanço de seus ferimentos. Os dedos dos pés estavam enfaixados juntos, onde Mac os pisoteara durante a tortura. Alguns dos machucados que pontilhavam suas pernas e braços desde o primeiro dia de espancamentos estavam agora amarelados e desbotados, com mais sobreposições a partir dos dias seguintes. Suas costelas doíam com os golpes que haviam chovido nela, mas não tão ruins quanto nos primeiros dias no porão, quando apenas respirar parecia facas cortando a carne e os ossos. Camille se moveu lentamente, não querendo perturbar demais seus membros. Ela passou os dedos enfaixados pela clavícula, exatamente onde Complese havia apagado seus cigarros baratos enquanto ele terminava cada um durante seu tempo com ela. As crostas perfeitamente circulares alinharam-se como se ele estivesse fazendo um desenho, não a assustando por toda a vida.

Ela nem queria pensar em como estava o rosto dela. Uma bagunça de carne inchada e pele machucada provavelmente.

Ocorreu a Camille que o lado positivo de tudo o que doía era que nada se destacava como algo extremamente doloroso. Quase como se seu novo normal fosse dor.

A porta do quarto dela se abriu e o coração de Camille pulou no peito, sabendo que Jon apareceria em poucos segundos. Mas, em vez disso, um enfermeiro entrou, carregando uma bandeja com ataduras e seringas. Suas roupas azuis estavam mal ajustadas, pendendo frouxamente em sua moldura em alguns lugares. Algo sobre o homem a deixou inquieta, e ela procurou em seu uniforme a identificação padrão da questão que todos os funcionários do

hospital eram obrigados a usar. Descansava exatamente onde deveria, sobre o lado esquerdo do peito. A imagem combinava com seu rosto e tudo.

Camille se repreendeu silenciosamente por suspeitar do pobre enfermeiro. Ela sabia que seu quarto estava guardado, que todos que estavam entrando no quarto estavam sendo cuidadosamente verificados. Fechando os olhos, ela lembrou a si mesma mais uma vez que estava segura. Ninguém poderia machucá-la.

— Olá, senhorita. Como esta sua dor? — A voz do enfermeiro era baixa, mas áspera.

— É um oito. Não é tão ruim quanto quando estava acontecendo, mas também não é exatamente agradável. — Ela tentou um sorriso fraco. Mas parecia errado em seu rosto, quebradiço e falso.

— Bem, você ficará feliz em saber que tenho algo aqui para ajudar nisso. — Ele levantou uma seringa cheia de líquido transparente.

— Não, obrigada, eu disse aos médicos que não quero narcóticos. Estou bem com Tylenol. — Ela tentou afastar o braço do enfermeiro, que havia estendido a mão para segurar a linha intravenosa.

— Bobagem, por que passar por toda essa dor quando temos algo que ajudará a tirar isso? — O homem não olhou nos olhos dela, concentrando-se no IV e na seringa.

Camille afastou o braço dela. — Porque eu não quero arriscar ficar viciado como as vidas baixas que fizeram isso comigo.

O homem ignorou completamente suas palavras, agarrando sua mão e puxando-a em sua direção. Ela ofegou quando a dor de seus dedos recém-queimados percorreu seu corpo com o aperto áspero dele. — Pare. Eu não quero isso, pare. — Sua voz subiu com cada palavra até que ela estava gritando no topo de seus pulmões para ele não lhe dar as drogas. Assim que a

agulha atravessou a porta saindo da linha de IV, Camille gritou, soando mais animal que humano, estendeu a mão e arrancou o IV da parte de trás da mão.

O caos irrompeu na sala, um rosnado ecoando da porta, a única coisa que alertou sobre a presença de Jon. Em um borrão de movimento, ele atravessou o pequeno quarto do hospital e derrubou o enfermeiro no chão, prendendo os braços atrás dele. Formosa e McCracken invadiram logo atrás dele, conversando entre si para descobrir o que estava acontecendo.

— Ele tentou me dar uma coisa. Eu disse a ele que não queria e ele tentou injetar na IV mesmo assim.

Médicos e enfermeiras entraram correndo, a pequena sala logo cheia de gritos e comoção. Logo ficou claro que o suposto enfermeiro não era de fato empregado pelo hospital. A identidade era uma farsa convincente. O homem foi algemado e escoltado da sala para ser interrogado na delegacia.

Uma vez que a calma relativa foi restaurada, Jon ligou para McCracken e Formosa. — Isso nunca teria acontecido se vocês dois não tivessem me feito sair da sala.

Formosa aparentemente não estava tendo nada disso, apunhalando o dedo na direção de Jon e elevando a voz dela tão alta quanto a dele. — Se você mantivesse a calma lá fora, como um profissional, os oficiais destacados não precisariam vir tentar acalmá-lo. Este caso tornou-se totalmente pessoal demais para você e você precisa dar um passo atrás. Você nem deveria estar no quarto dela agora.

O rosto de Jon se tornou o retrato da fúria mal contida. — Você está certa. — Ele se virou para McCracken. — A partir de agora, abandono meu cargo de chefe e o nomeio temporariamente como chefe interino até que o caso de Camille seja resolvido. Enquanto isso, estou levando-a para uma casa segura, que só eu sei a localização, e a manterá segura desses sacos de lixo. Você precisa falar com ela, você passa por mim.

Formosa explodiu, enquanto McCracken estava com a mandíbula no chão. — Você não pode pegar uma testemunha e desaparecer com ela. Não é assim que isso funciona. Vamos colocá-la em proteção, ter oficiais com ela o tempo todo. Mas o fato de você gostar muito de uma garota com metade da sua idade não significa que você possa criar suas próprias regras.

— Foda-se seus detalhes de proteção. Ninguém a manterá mais segura do que eu. Ninguém. Eu não dou a mínima para as regras. Você não pode segurá-la porque ela não está sendo acusada de nada...

— Porque você já negociou um acordo com o promotor!

— E agora sou a única pessoa que ela tem no mundo. Então você trabalha comigo nisso ou perde a única testemunha que tem neste caso. A decisão cabe a você.

O silêncio encapsulou a sala, Formosa estava respirando com dificuldade o suficiente para Camille começar a se preocupar com a hiperventilação.

— OK. — McCracken se recompôs até sua altura máxima. — Jon, agora estou indicando você para trabalhar como o encarregado por proteger Camille. Deixo as especificidades do que isso implicará para você. No entanto, você deve estar disponível para nós o tempo todo, se precisarmos conversar mais com ela.

— Entendido.

— Eu não acredito nisso. Que porra de operação vocês estão executando? — Formosa aparentemente não estava feliz com a decisão do novo chefe.

— O tipo que cuida de si próprio. — McCracken virou-se para Formosa, dispensando-a com apenas uma palavra. Depois que ela saiu do quarto, ele virou-se para Jon. — Para deixar claro, só estou assumindo esse papel temporariamente. Assim que isso acabar, você é o chefe de novo, entendeu?

Jon simplesmente assentiu.

CAPITULO CINCO

Jon

Como chefe de polícia, Jon pode ser capaz de puxar muitas cordas para fazer as coisas acontecerem, mas ele não poderia fazer Camille se curar mais rápido. Portanto, apesar de implorar aos médicos que a deixassem sair do hospital imediatamente, ela teve que ficar mais três dias para se certificar de

que seus ferimentos estavam se recuperando e que não precisaria de mais tratamento, principalmente porque recusou todos os entorpecentes.

Ele tinha que admitir, a força que essa mulher demonstrou o derrubou. Que ele soubesse, ela nunca teve um problema com drogas, mas apenas estar perto de drogados nos últimos anos a fez temer tanto a obsessão que ela nem queria arriscar a pequena chance de tomar algo para aliviar sua dor implicaria. Ela simplesmente rangeu os dentes e tomou a dor que vinha.

Também o fez se sentir culpado como o inferno. Porque Jon rapidamente percebeu que tinha seu próprio vício e não fez nada além de alimentá-lo. Porém, a dele veio na forma de uma mulher minúscula e resistente como as unhas, não comprimidos ou injeções. Ele não conseguia o suficiente dela.

Nos últimos três dias no hospital, ele nunca saiu do lado dela. Os testes voltaram sobre a droga que o falso enfermeiro tentara injetar no IV de Camille; Cloreto de Potássio. A dose que ele estava prestes a dar, injetada diretamente na corrente sanguínea, teria parado seu coração em segundos. O pensamento deixou Jon enjoado. Mas eles pararam o cara, o prenderam e Formosa estava vasculhando o cara por cima das brasas para obter mais informações sobre a operação de drogas.

Desde o incidente, apenas os médicos tinham permissão para dar qualquer medicamento a Camille, e mesmo assim ela só aceitava líquidos intravenosos, antibióticos e Tylenol oral. Ainda assim, Jon assistiu a todas as pessoas que entraram na sala, prontas para tirá-las, se elas olhassem para a Cami da maneira errada.

Seu caminhão bateu e deu um pulo na estrada desgastada pelo tempo, tirando Jon de seus pensamentos. Fazia muito tempo desde que ele foi à cabana. Desde que seu irmão morreu.

— Então, para onde exatamente estamos indo? — Camille passou a maior parte do tempo olhando pela janela em silêncio. O ar no caminhão estava

cheio de tensão durante a jornada de duas horas. Não é necessariamente embaraçoso, apenas denso com o perigo em que se encontravam.

— É uma cabana velha que pertencia a um amigo meu. Ele morreu no serviço militar no exterior há cerca de vinte anos e, como não tinha filhos ou irmãos, deixou a cabana para meu irmão e eu. — Eles fizeram questão de visitar o local duas vezes por ano, uma vez no aniversário de Bill e outra no aniversário de sua morte. Mas Jon não conseguiu fazer a viagem desde que seu irmão Mac morreu.

Mas agora, trazer Camille para o silêncio tranquilo, longe do mundo moderno, acendeu um fogo de excitação dentro dele, que ele não sentia há muito tempo.

— Pode não estar na melhor forma, não vejo o local há dois anos. Mas o policial Coy abasteceu a cabana com tudo o que precisaríamos por várias semanas, e o gerador deve nos dar muitos confortos que você esperaria de casa. — Merda, ele quase teve que parar de saltar em seu assento de alegria. Claro, eles estavam sendo caçados pelos capangas de seu irmão psicótico, mas, no futuro próximo, Jon teria Camille sozinho, em um de seus lugares favoritos no mundo. Ela pode nunca querer um relacionamento romântico com ele, mas ele poderia construir outra coisa com ela. Uma amizade. Teria que fazer, já que ele não tinha planos de deixá-la ir. Ele preparava refeições para ela, ensinava-a a jogar pôquer, pescava, fazia fogueiras para ela e fazia o que quisesse para manter o tédio à distância.

O maldito pau de Jon se contorceu nas calças sem sua permissão. Não. Ela não iria querer esse tipo de distração das longas horas solitárias na floresta. Que beleza de 23 anos gostaria de ficar nua e suada com um homem beirando cinquenta?

Melhor nem pensar nesses desejos profundos. Ele os ignorava e pegava o que podia obter da doce Camille.

— Parece bom. — Ela ficou em silêncio mais uma vez enquanto terminavam a caminhada por terrenos acidentados até a cabana. Na verdade, o local não estava muito longe da civilização, mas as estradas sinuosas através das montanhas e os caminhos não pavimentados adicionavam um monte de tempo significativo à viagem.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade trancada na cabana do caminhão, completamente envolvida pelo suave aroma de baunilha e açúcar de Camille, eles chegaram à cabana. Graças à falta de cuidado nos últimos anos, a vegetação rasteira havia crescido como fogo, quase obscurecendo o estacionamento de cascalho. De sua rápida avaliação, Jon achou que o local se sustentava muito bem, considerando tudo. O telhado ficou firme depois que ele e Mac o substituíram cinco verões atrás, as janelas ainda estavam fechadas e, além das ervas daninhas e das plantas, o quintal não parecia tão ruim. Estranhamente, Jon estava ansioso para fazer algum trabalho duro por todo o lugar, colocando-o de volta em ordem.

Jon pulou do banco do motorista e correu para o lado do passageiro para ajudar Camille a descer. A estada prolongada no hospital ajudou a curar a maioria de suas feridas, mas suas costelas ainda estavam doloridas e os dedos das mãos e dos pés não atingiam a destreza de antes. Os hematomas e o inchaço no rosto haviam desaparecido quase inexistentes, felizmente. Jon nunca pensou que sua beleza tivesse sido diminuída pelas duras contusões negras e roxas, mas a presença delas não ajudou em nada a fúria furiosa que ele mal continha. E ele sabia que ela era autoconsciente sobre elas.

— Jon, este lugar é incrível. — A admiração em seu rosto fez seu peito inchar de orgulho. A vida ao ar livre isolada não era para todos, então ele ficou aliviado por Camille ter decidido pelo menos manter a mente aberta sobre o local. Suas pálpebras se fecharam e ela respirou fundo o ar fresco da montanha. Seus cabelos dançavam suavemente com a brisa, e o sol do meio-dia brilhava em seus cabelos dourados, dando-lhe um brilho angelical. — Eu sei que não vivemos exatamente na cidade, mas é tão bom estar aqui, onde é

totalmente imaculado. A cabana se mistura totalmente à floresta, se você não estivesse olhando de passagem, nunca perceberia.

Jon enfiou as mãos nos bolsos para não segurá-la nos braços e puxá- la para perto de seu corpo. Tinha que ser o suficiente para apenas ter aqui em seu espaço. — Sim, a família de Bill construiu este lugar algumas gerações atrás, totalmente à mão. Nós o ajudamos a consertar as coisas quando ele estava de licença algumas vezes; depois, há cinco anos, eu renovei totalmente o interior. Adicionamos um gerador e um aquecedor de água quente sem tanque, assim que eu acender tudo, teremos luzes, TV, chuveiros quentes, o que você quiser.

— Honestamente, eu ficaria feliz com uma cama que não está amarrada ao controle remoto, mas eu vou levar tudo isso também. — Camille sorriu, esse pequeno sorriso tímido de seus lábios que ainda conseguia iluminar todo o rosto.

— Bem, vamos nos acomodar. Eu mostro a você e então pode tirar uma soneca ou algo assim, se quiser. — Jon pegou os sacos de comida que Coy havia empacotado para eles e levou Camille para dentro da cabana.

O lugar não era tão ruim quanto ele temia depois de tantos anos. Empoeirado, precisando de uma boa limpeza, mas mais ou menos exatamente como o deixara logo após o funeral de seu irmão. — Acha que você pode começar a desembalar as compras enquanto eu ligo o gerador?

Camille não respondeu, e Jon se virou para descobrir que a havia perdido em algum lugar durante a caminhada pelo primeiro andar. Ele jogou tudo na ilha da cozinha e não a encontrou. A respiração parou em seus pulmões. Camille estava no centro da grande sala, a luz fluindo através de clarabóias e grandes janelas. Manchas cintilantes de poeira flutuando ao seu redor, dando-lhe uma aparência etérea. Seus olhos estavam arregalados quando ela girou em círculo, absorvendo tudo.

— Quando você disse que estávamos indo para uma cabana na floresta, não foi isso que imaginei. Parecia tão pequeno do lado de fora. — Ela passou os dedos pelo manto da lareira de madeira maciça, admirando a escultura que o irmão encomendara a um artista na rua.

— O que você pode ver de fora é a estrutura original. Era uma cabana de um quarto, sem encanamento ou eletricidade naquela época. Agora é basicamente a entrada e a sala de jantar. Esta parte da cabana foi acrescentada pelos pais de Bill. — Jon inclinou a cabeça na direção do corredor ao lado da cozinha. — Os quartos e o segundo banheiro foram adicionados por Mac e eu porque Sophie se recusou a vir aqui conosco se tivesse que dividir um banheiro conosco quando adolescente.

Camille riu, outro sinal de que a pressão e a escuridão em que ela vivia estavam lentamente começando a desaparecer. — Garota esperta. Foi ela quem trouxe comida para você no hospital, certo?

— Sim, minha sobrinha. Sophie. — Se não fosse por Sophie, Jon poderia ter morrido de fome sentado ao lado de Camille no hospital, recusando-se a sair do lado dela. As enfermeiras não tinham permissão para lhe trazer refeições, já que ele não era tecnicamente familiar. Mas Sophie fazia a viagem todas as manhãs com uma sacola cheia de comida para durar o dia todo.

— Ela parecia legal. — Camille ficou sem jeito no meio da sala, torcendo os dedos e evitando os olhos dele.

A culpa bateu no peito de Jon. Por alguma razão, ele não queria que Sophie e Camille se encontrassem. Ele encontrava a sobrinha na porta do quarto do hospital todas as manhãs e pegava a comida dela sem deixá-la entrar. Ele só queria manter Camille para si mesmo. Sophie a encheria de perguntas e exigia saber por que Jon estava agindo de maneira tão estranha com a mulher misteriosa. Sophie nunca o viu agir assim com uma mulher antes, e ele ainda não tinha vontade de lidar com ela.

— Ela é legal. Vocês se conhecerão depois que isso acabar. — Jon não tinha dúvida de que as meninas seriam melhores amigas. Sophie teve uma vida difícil antes de conhecer Luke, não tanto quanto Camille, mas com força suficiente para entender de onde vinha a mulher indubitavelmente traumatizada.

— Deixe-me mostrar seu quarto. — Jon pegou a mochila que ele havia pedido para Sophie pegar para Camille e a levou pelo corredor até os quartos. Por um momento, ele parou na porta do quarto em que planejava dormir, mas balançou a cabeça e continuou até a porta seguinte. Por mais que ele desejasse Camille em sua cama, onde ele pudesse observá-la o tempo todo, ele sabia que era uma impossibilidade. — Aqui está. Estou bem ao lado do seu quarto. Então, se você precisar de alguma coisa enquanto estivermos aqui, basta vir bater na minha porta.

Camille ficou ao lado da cama queen size e acenou com a cabeça, olhando ao redor para a decoração. Chique, era assim que Sophie chamava. Jon apenas pensou que era um monte de móveis novos que uma empresa havia pintado para parecer velho, que era burro como o inferno, mas tanto faz. Sophie ficou feliz em planejar cada quarto.

— Obrigado. É muito bom.

Eles estavam a apenas dois pés de distância, o silêncio se instalando ao redor deles, uma tensão não muito estranha construindo no ar entre eles. A beleza de Camille quase arrancou os pés dele. Ela teve dificuldade em encontrar os olhos dele, o que o rasgou um pouco. A última coisa que ele queria era que ela tivesse medo ou intimidação por ele. Depois de tudo o que ela passou, ele entendeu, mas ainda o matou. Mesmo sob a incerteza e a vulnerabilidade, não havia como confundir o forte núcleo que repousava no coração dessa mulher notável. Ela havia sobrevivido a algo que a maioria das pessoas não faria. E o fato de ela ainda estar diante dele, pronta para se esconder até o dia em que pudesse testemunhar no tribunal, bem, humilhou o chefe Jon Gallo além da medida.

— Hum, você se importaria se eu tomar um banho? — Camille rolou para as extremidades externas de seus pés, os dedos torcendo juntos. — Vi Sophie pegar alguns suprimentos de beleza que não vêm em pequenas garrafas e adoraria tomar banho em algum lugar que não tem um banco dobrável preso à parede.

— Sim, claro. Certo. Vá tomar um banho. Vou descarregar todos os suprimentos e podemos jantar quando terminar. — Jon mostrou a ela a porta do outro lado do corredor que levava ao banheiro e a deixou fazer suas coisas.

A cabana podia estar atualizada e com tudo o que você poderia querer em uma casa normal, mas ainda era uma cabana, e ele podia ouvir a água correndo no chuveiro, apesar de estar no corredor e na cozinha. Seu pênis tinha uma mente de merda própria, de pé alto e duro atrás do zíper, enquanto imagens da água deslizando sobre sua pele nua e tonificada de azeitona atormentavam sua mente. Porra. Isso não era bom. Ele não conseguia tirá-la da cabeça quando ela estava completamente vestida, muito menos nua e no final do corredor. Foi necessária a força de vontade de mil homens para não pisar naquele corredor e rasgar a porta das dobradiças, pegando-a nos braços e mostrando-lhe como uma mulher deveria ser adorada, apesar do que aqueles sacos de merda haviam feito com seu doce corpo.

Ele precisava manter as mãos ocupadas. Depois de desempacotar tudo do caminhão e guardar tudo no lugar certo na cozinha, Jon se virou para fazer o jantar. Ele pegou dois bifes enormes da geladeira, esfregou-os em azeite, sal, pimenta e um pouco de alho e depois os jogou na grelha no deck. Em seguida, pegou duas batatas-doces, embrulhou-as em papel alumínio e as jogou nas bordas externas do carvão, onde não havia tanto calor. Uma salada e um pouco de pão duro completariam a refeição.

Preparar a refeição não tinha feito muito para resolver o problema em suas calças. Parecia que a idéia de cuidar de Camille o excitava tanto quanto o pensamento dela nua e molhada. Resignado com o fato de que ele estaria ostentando uma ereção durante o tempo que eles estivessem juntos, Jon

enfiou o pau sob a cintura com cinto da calça jeans para impedir que tentasse na frente, apenas no caso de Camille descer as escadas.

No instante em que Jon começou a cortar os legumes para a salada, ouviu uma pequena voz chamar seu nome do banheiro. Ele caminhou pelo corredor para ver o que Camille precisava, e quase desmaiou com a visão sexy do corpo dela enrolada em uma toalha invadindo todo o seu campo de visão.

— Sinto muito Jon, mas você tem um secador de cabelo em algum lugar? Meu cabelo estará uma bagunça encaracolada se eu não o dominar enquanto ainda está molhado. — Sua mão minúscula segurou a toalha no peito, impedindo que ela se abrisse e se expusesse a ele.

Jon assistiu com admiração quando uma gota de água escorreu de um fio de cabelo e rolou pela clavícula, depois desapareceu entre seus pequenos seios. Porra. Ele nunca quis tanto ter água em toda a sua vida.

— Jon?

Merda. Ele precisava parar de encarar. — Hum. Desculpe. Não, não tenho certeza se existe um secador de cabelo aqui. Talvez Sophie tenha deixado uma em um armário em algum lugar?

— Eu já verifiquei todos os lugares no banheiro. Ah bem. Acho que se estiver apenas lidando com meu cabelo maluco durante esta viagem, não posso reclamar.

Jon tentou rir junto com ela, mas sua boca ficou subitamente mais seca do que o pequeno riacho nos fundos, no auge do verão. Havia tanta pele aparecendo. Todos os seus instintos de proteção em relação a essa garota, nenhuma mulher, aparentemente não se estendiam a si mesmo, porque ele se viu querendo empurrá-la contra a parede e esmagá-la com a boca.

— O jantar está quase pronto. Por que você não se veste e eu ponho tudo na mesa. — Ele virou as costas para a visão mais deliciosa que já vira e caminhou com propósito até a cozinha.

Dez minutos depois, Camille parecia deslizar para a cozinha usando esses minúsculos shorts de dormir e uma camiseta tão fina que ele quase podia ver o contorno de seus mamilos por baixo.

— Vou ter que enviar uma nota de agradecimento a Sophie. Ela arrumou meu PJ favorito de todos os tempos. — Cami se dobrou em uma das cadeiras sentadas ao redor da mesa da cozinha e observou Jon terminar o jantar. Seus olhos nele, seguindo todos os seus movimentos, não ajudaram sua ereção dolorosamente intensa. — Embora ela não tenha me envolvido muito com roupas íntimas.

A faca em sua mão caiu na bancada quando ele imaginou sua boceta nua sob aqueles malditos shorts minúsculos de algodão. Sophie estava tentando matá-lo, era a única explicação.

CAPITULO SEIS

Camille

A cabana estava escura e tudo, menos silenciosa. Camille pensou que estar no meio da floresta significaria que o silêncio seria ensurdecedor, mas, em vez disso, encontrou exatamente o oposto. Insetos tocaram, corujas piou, todos os tipos de animais desconhecidos farfalharam e saíram da janela dela. Depois de passar quase um mês no porão do armazém, onde tudo o que ela ouviu foi que ele pisava nas botas no chão acima de sua cabeça, todo o barulho a deixava nervosa.

Ela respirou fundo, lembrando a si mesma que Jon estava do outro lado da parede dormindo. A princípio, as coisas entre eles haviam sido um pouco estranhas. Principalmente porque ela não tinha ideia de como interagir com um homem que achava tão atraente. Camille só se concentrou em uma coisa a vida inteira, a escola. Determinada a nunca ser um fardo para os pais, ela havia decidido desde cedo que se destacaria na escola, participaria de uma grande faculdade, depois de um programa médico e se tornaria médica para poder se sustentar. Então, ela nunca havia notado os caras ao seu redor. Claro, ela teve uma queda ou duas ao longo dos anos. Mas nunca nada que a fizesse realmente sentar e prestar atenção.

Até Jon.

Aquele breve vislumbre dele no dia em que foi presa estava mudando a Terra. Era como se tudo o que ela conhecia anteriormente se realinhasse em uma imagem que colocasse tudo em foco.

O estalar de folhas do outro lado de sua parede aterrorizou seus devaneios sobre Jon. Ela acalmou a respiração, esforçando-se para ouvir qualquer som do lado de fora que pudesse parecer fora de lugar. Outro barulho de folhas e um galho quebrando a fizeram pular da cama e se encostar na

porta. A mão dela agarrou a maçaneta, pronta para girá-la e correr com a menor indicação de que alguém estava tentando entrar na casa.

Os pulmões de Camille queimavam com o esforço de prender a respiração; para não se entregar. Um baque suave, quase como uma porta se fechando, a fez sair do quarto de hóspedes que Jon a depositara dentro e pelo corredor antes que seu cérebro pudesse alcançar seus pés. Um suor frio escorreu por suas têmporas, passando os cabelos pelo rosto. O salão parecia se estender para sempre. A cozinha, ela só precisava chegar à cozinha e ela seria capaz de pegar uma arma para se defender.

No momento em que ela estava prestes a se libertar do longo corredor, uma figura volumosa saiu no arco que separava os quartos e o resto do espaço aberto. Um grito rasgou a garganta ainda crua de Camille. O som queimava através da carne sensível, mas nem mesmo a dor de feridas recém-cicatrizadas se abrindo poderia acalmar seus apelos. — Por favor não.

Incapaz de parar seus pés de meia no meio do vôo, seu corpo se apertou contra a forma ameaçadora, braços de ferro amarrados ao redor de sua pequena estrutura, segurando-a no peito largo do atacante. Camille se debateu e coçou a pele, mas o homem se manteve forte, sem vontade de deixá-la fugir. Ela esperava e rezou para que Jon acordasse e saísse para ver o que era todo aquele barulho.

Sua mente girou, o choque de ser encontrada novamente a fechou para se proteger de mais torturas. Seu corpo ficou frouxo e ela cedeu ao destino de nunca mais ser verdadeiramente livre novamente. De sua própria morte iminente nas mãos dos bastardos sádicos que a seguravam por tanto tempo.

Em vez de ser arrastada para fora da cabana e longe de seu protetor, como ela esperava, o homem que a segurava caiu no chão, puxando-a entre suas grossas pernas e acalmando-a com uma mão suave pelos cabelos. Um silêncio suave ajudou a acalmá-la da adrenalina de sua luta ou resposta de fuga.

— Está tudo bem, querida, sou só eu. Ninguém vai te machucar. Nunca deixarei que outro ser humano coloque um dedo em você que não seja nada além de amor.

Jon.

Graças a Deus, era Jon. Não é Rich, ou seus capangas.

Assim que a adrenalina se dissipou e seu cérebro se acalmou um pouco, o aroma apimentado de Jon a envolveu. Suas costas e braços quentes afugentaram o medo frio. Girando em seu rosto, Camille jogou os braços em volta do pescoço dele e enterrou o rosto no peito dele, arfando e soluçando enquanto a segurança de sua presença libertava suas emoções engarrafadas.

Camille rapidamente percebeu que era o mais próximo que eles já estiveram. Enquanto estava no hospital, Jon segurou a mão dela, tocou sua perna e rosto, mas ele sempre manteve uma distância respeitosa. Mas agora, eles estavam tão entrelaçados que Camille sentiu que poderia se perder nas garras dele.

Perdida da melhor maneira.

— Sinto muito, ouvi barulhos, pensei que você estivesse no seu quarto dormindo. Eu pensei que eles tinham me encontrado. — Ela balbuciava sem parar, falando em sua camisa, e ele simplesmente a segurou até que ela terminasse.

Depois que todas as suas palavras acabaram, Jon segurou suas bochechas e a puxou um pouco para trás, para olhar em seus olhos. — Ninguém vai encontrar você aqui. Ninguém vai te machucar nunca mais. Juro que não deixarei isso acontecer.

Camille mordeu o lábio inferior e assentiu com confiança. Ela se sentia tola agora, é claro que ninguém saberia sobre a cabana. Jon disse que estava totalmente fora do radar. Mas ainda assim, o medo ainda não tinha totalmente

afrouxado seu aperto em seu coração. Ela sabia que levaria muito tempo até que ela parasse de pular em cada pequena coisa.

— Jon? — Ela manteve a voz suave e baixa, tentando diminuir a dor que sentia por suas semanas de gritos e choros.

— Sim, querida? — A voz rouca de Jon, triturando o apelido que ele havia lhe dado, fez seu coração bater duas vezes.

— Não quero ficar sozinha. Quando estou sozinha, minha mente começa a me enganar. — Ela respirou fundo, sabendo que ele iria lutar com ela com seu pedido. — Posso dormir na sua cama? Contigo?

Jon gemeu e encostou a testa na dela. — Camille, não acho que seja uma boa ideia. Não quero nada mais do que cuidar de você e estou mais do que disposto a esticar a letra da lei, se isso significa mantê-la segura. Mas ter você na minha cama atravessa todos os tipos de linhas.

Camille lutou contra as lágrimas que queimavam em seus olhos novamente. Ela se recusou a deixá-las cair. É claro que Jon não gostaria de compartilhar sua cama com uma garota assustada, neurótica e ingênua, com metade da idade dele. Ela nunca compartilhou uma cama com um homem antes, nunca compartilhou seu corpo também. Mas ela ainda sabia que havia coisas que os homens não podiam controlar. Coisas que eles gostaram. Ela estava infinitamente curiosa sobre essas coisas. Sua vida havia sido muito prejudicada, graças a seus pais superprotetores e sua própria preferência por estar sozinha estudando, em vez de sair para festas. Mas Jon havia acordado algo dentro dela que ela nunca se preocupara em pensar antes.

Dadas as circunstâncias, ela sabia que seus resultados eram altamente inapropriados, mas não podia controlá-lo mais do que podia controlar o clima. Jon Gallo era um muro alto e musculoso de calor que ela queria escalar e se esfregar por toda parte. É claro que ele não iria querer as mesmas coisas,

ele era um homem que provavelmente poderia ter qualquer número de mulheres, não uma virgem de vinte e dois anos subdesenvolvida.

Jon deve ter visto as lágrimas se acumulando atrás de suas pálpebras, a ponto de inundar suas bochechas, porque na respiração seguinte ele a puxou para os braços mais uma vez, pressionou os lábios no topo da cabeça e sussurrou: — Você pode dormir comigo. Mas só esta noite. Só até você se acostumar com os sons da floresta.

— OK. — Ela aceitaria. Se uma noite era tudo o que ela conseguia com o calor de Jon ao lado dela na cama, então ela impregnava a memória em seu cérebro para se lembrar sempre que precisava de um descanso.

— Mas vamos dormir no seu quarto. Dei a você a cama maior e não acho que você queira tentar se encaixar na de solteiro.

O coração de Camille brilhava de felicidade. Jon sacrificou seu próprio conforto para garantir que ela tivesse o melhor. Isso fez seu coração já acelerado, acelerar mais um pouco. Incapaz de expressar sua gratidão, ela simplesmente assentiu e permitiu que Jon a pegasse, embalada contra seu peito. Ela queria desesperadamente acariciar os músculos duros sob a camiseta dele, mas conseguiu manter as mãos paradas e firmemente pressionadas logo acima do coração dele.

De volta ao quarto, Jon a deitou tão gentilmente que trouxe mais lágrimas aos olhos dela. — Cobertor, ou nenhum cobertor?

— Cobertor. Mesmo antes do armazém, usei cobertores grossos durante todo o verão. — Ela respirou fundo estremecendo. — Agora parece que não consigo me aquecer o suficiente.

— Nós vamos cuidar disso amor.

Flashes do corpo de Jon a envolveram, esquentando sua pele no lugar do cobertor brilhou em sua mente, e ela sentiu todo o sangue em seu corpo

correndo por suas bochechas e sua vagina. Por que ela tinha que ser tão atraída por ele?

Assim que Jon a enfiou na colcha grossa que fora dobrada ao pé da cama, ele contornou o quarto e subiu de lado. Ele não se cobriu com o cobertor, em vez de colocar a vareta diretamente no colchão com as mãos firmemente cruzadas sobre o estômago.

— Você quer compartilhar? — Ela apontou o canto do cobertor mais próximo a ele em convite.

— Não, obrigado, querida. — Ele falou no teto, nunca virando a cabeça para olhá-la. — Eu fico muito quente à noite. Se eu tivesse algo em cima de mim, estaria suando ao amanhecer.

Camille mordeu o lábio inferior e abaixou a mão, sentindo-se bastante boba pela queima de rejeição que escoava por seu corpo. Não era nada pessoal, então por que ela deveria estar chateada?

Com as cobertas bem fechadas, Camille tentou adormecer, mas isso simplesmente não aconteceu. Seu cérebro não desligava, e ela não conseguia se sentir confortável. No hospital, Jon sempre tinha uma mão na pele dela o tempo todo. Desde que eles partiram, ele mal a tocou, exceto o incidente no corredor. Ela sentiu falta do toque dele. Ela não conseguia relaxar sem ele.

Depois de sua terceira tentativa de encontrar uma posição mais confortável, Jon a espiou pelo canto do olho. — O que está acontecendo aí? Não consegue dormir?

— Não, eu simplesmente não consigo parar de pensar. — Ela ficou em silêncio por um momento antes que uma ideia lhe ocorresse. — Você vai falar comigo? Apenas fale sobre qualquer coisa. Conte-me outra história sobre as travessuras em que você e seu irmão se meteram?

Com um simples aceno, Jon começou uma história sobre o irmão puxando a mãe de todas as brincadeiras da escola e a recusa de Jon em ajudar. Na época em que seu irmão enfiou as lagostas no peixe, no escritório do diretor, Camille começou a adormecer. Jon relaxou um pouco nos travesseiros, um braço atrás da cabeça, o outro deitado em cima dos cobertores ao lado de seu corpo duro. Em seu estado semi-acordado, Camille estendeu a mão e entrelaçou os dedos, segurando a mão muito maior em sua pequena palma.

***

Camille se mexeu na cama e um gemido baixo vibrou embaixo dela. Seus olhos se abriram e foram recebidos com o peito de Jon pressionado sob sua bochecha. A consciência aumentou pouco a pouco, e ela corou com a posição que de alguma forma se encontrou depois de uma das melhores noites de sono que já teve.

Quase metade em cima de Jon, a cabeça dela estava aninhada entre o ombro e o pescoço dele, enquanto o rosto dela descansava acima do coração dele. De alguma forma, uma das mãos serpenteava sob a camisa e descansava nas costelas, o outro braço estava entre eles, ainda segurando a mão dele. Uma perna foi arremessada sobre seus quadris, a outra colada contra sua perna, de modo que ela parecia estar um pouco modificada sobre sua metade inferior.

Pela sensação de seu pau duro pressionando a parte de trás da perna dela, ele não parecia se importar tanto com o arranjo de dormir deles.

Ela ficou absolutamente quieta, sem querer mexer um músculo e perturbar a maneira como se agarrava. O calor do corpo dele embaixo dela enviou uma onda de pura luxúria, como ela nunca soube, através de seu corpo,

se acumulando no ápice de suas coxas. Ela queria esfregar contra ele como um gato no cio. Cubrir-se em seu perfume masculino, colocando-o diretamente em sua pele.

— Mmmm, querida. — Jon mudou de posição, abraçando a cintura dela e arrastando-a mais sobre seu corpo. Ele enterrou o rosto nos cabelos dela, inalando profundamente. — Você sempre cheira tão bem.

As mãos ásperas de Jon traçaram seu corpo, descansando em seus quadris, guiando-os a esfregar ao longo de seu pau duro. Sua respiração ficou presa na garganta, ela tentou forçar os gemidos que se formavam em seu peito. Mas o deslize suave dele contra seu núcleo se recusou a ser ignorado. Os sons saíram de seus lábios, diretamente no ouvido de Jon.

Todo o movimento parou. O constrangimento surgiu em Camille até que ela teve certeza de que seu rosto brilhava em vermelho brilhante. Ela não conseguia olhar para ele, não podia enfrentar a pena pintada em seus traços.

— Querida. — Seu termo de carinho por ela foi sussurrado, agora com remorso em vez do calor que enchia sua voz enquanto ele ainda estava meio adormecido. — Porra. Eu sinto muito.

Lentamente, ele a deslizou para fora de seu corpo, assobiando quando a perna dela roçou contra sua excitação.

— Não se desculpe. Eu acho que sou uma criança. Eu nunca tive a oportunidade de descobrir isso antes. — Ela riu nervosamente, tentando brincar com a situação embaraçosa como se não fosse grande coisa.

— Merda. — Jon sentou-se na beira da cama, as mãos enterradas nos cabelos.

Camille lembrou-se da maneira como ele havia dito o nome dela, disse que se sentia bem. Ela não tinha imaginado o desejo em sua voz, tinha? — Você sonha comigo, Jon?

— Porra, Cami, você não pode me perguntar isso. Eu não posso responder isso. — Jon se levantou e caminhou com propósito da sala. — Eu vou tomar café da manhã.

Pernas enroladas na frente dela, Camille colocou os braços em volta deles e enterrou o rosto nos joelhos para esconder o sorriso tonto no rosto. O chefe Jon Gallo, homem mais sexy do mundo e policial durão, sonhava com ela.

CAPITULO SETE

Jon

Jon enfiou a mão na calça jeans para reajustar seu tesão aparentemente constante. As últimas três semanas foram uma lição de contenção e tormento. Ele olhou de onde estava cortando lenha para Camille.

Porra. Péssima ideia. Mais uma vez ela estava de joelhos no jardim vegetal de que se apropriou. Sua bunda apertada e redonda balançava para frente e para trás nos menores shorts jeans conhecidos pelo homem, puxando ervas daninhas entre as longas filas de produtos ignorados. O suor escorria por suas costas, tornando a blusa branca que ela usava mais translúcida. Seu pênis latejava quando imagens do que mais ela podia fazer enquanto ajoelhava brilhavam em sua cabeça.

Não. Ele não iria lá novamente.

Depois da primeira noite na cabana, Jon tentou fazer Camille dormir sozinha. Mas todas as manhãs ele acordava e a encontrava envolvida em torno dele como uma videira crescendo em uma árvore. Ela sempre alegou que não sabia como acabava na cama dele ou que estava assustada e não queria ficar sozinha. Depois da primeira semana, Jon cedeu e eles estavam dormindo em sua cama muito maior desde então.

Mesmo com o espaço extra, ela ainda acabava colada a ele ao amanhecer. Não que ele se importasse. Verdade seja dita, ele adorou. Mesmo que ele acordasse todas as manhãs com o pior caso de bolas azuis conhecido pelo homem. Na maioria das vezes, ambos ignoraram a tenda gigante nos cobertores. Jon sempre se levantava primeiro, se esfregava uma, às vezes duas vezes, no banheiro antes de tomar banho e ir à cozinha para fazer o café da manhã. Logo depois, Camille saia da cama e ia para chuveiro.

Jon não tinha dúvida de que Camille o queria. A garota não tinha cara de pôquer. Mas por mais óbvio que ela estivesse em seu desejo, ela também não tinha idéia de como flertar, o que Jon achou estranhamente sexy. Ela também não tinha ideia de como todos os seus movimentos o afetavam, deixando-o louco de desejo animal. Felizmente, sua cara de poker estava muito melhor.

A culpa surgiu através de seu sistema enquanto ele olhava para o corpo suado dela trabalhando na terra. Inferno, ele nem tinha percebido que havia uma horta antiga em todos os arbustos, mas ela a encontrou um dia enquanto eles estavam limpando a propriedade dos fundos. Deve ter sido uma ressaca da adolescência de Sophie. Camille o havia trazido de volta à vida com amor, e Jon não pôde deixar de sentir que ela fazia o mesmo pelo velho e seco coração dele.

Ele balançou a cabeça e voltou para o bloco de desbastar. Porra, ele realmente era um velho idiota por ter pensamentos tão extravagantes.

Uma pequena voz na parte de trás de sua cabeça o lembrou de que ele tinha apenas quarenta e cinco, e não oitenta. E ele estava em melhor forma do que muitos homens com metade da idade dele. Por que ele não podia fazer Camille dele? Mas então a razão voltou aos seus pensamentos. Camille merecia um homem da sua idade, alguém que pudesse se relacionar com ela e estar com ela até que estivessem velhos e doentes. Ela não deveria ter que começar sua vida com um homem que já estava a caminho do status de raposa prateada.

— Jon, olha! — A voz excitada de Camille flutuou para ele do outro lado da clareira que eles chamavam de quintal. Ele quase caiu quando se virou para vê-la pulando os poucos metros que os separavam, um sorriso brilhante no rosto. — Morangos! Eu achei morangos!

Ela parou na frente dele, seus seios perfeitos saltando enquanto ela praticamente vibrava de emoção. Foi realmente incrível ver Camille sair de sua concha nas últimas semanas desde que chegaram à cabana. Ela ainda teve seus momentos sombrios, quando se sentou e olhou pela janela por horas a

fio, ou acordou gritando de um pesadelo. Mas cada vez mais ela tinha esses longos períodos de verdadeira felicidade. Era como se Jon tivesse dado um assento na primeira fila aos mais belos amanheceres toda vez que ela risse, e ele faria quase qualquer coisa para garantir que ela continuasse tendo mais luz e menos escuridão.

— Isso é ótimo, Cami. — Ela sorriu para ele, corando um pouco com a versão abreviada de seu nome.

— Aqui prove. Os pequenos são realmente super doces. — Ela segurou a baga vermelha brilhante até a boca dele, mas ele se viu desejando o doce sabor de sua pele mais do que qualquer fruta.

Ele abriu a boca e ela deslizou a baga na boca dele, ainda segurando a haste com os dedos. A pele dela roçou nos lábios dele quando ele mordeu a carne suculenta e o sabor explodiu em sua língua. Jon duvidava que qualquer homem vivo possuísse coragem para resistir às imagens eróticas que esse momento provocou. Ele se perguntou como a cor de seus mamilos se comparava com a dos morangos. Eles eram mais leves, mais escuros? Se ele os lambesse, soprava ar frio contra a superfície, eles se contrairiam do mesmo tamanho que a ponta da fruta?

— Bom, né? — Camille sustentou o olhar dele, não permitindo que ele olhasse para outro lugar que não seus brilhantes olhos castanhos, seus cachos apertados flutuando em volta do rosto na brisa quente do verão.

Ele só pôde concordar. Porra, ele estava cem por cento fodido. Não havia como ele resistir a ela por muito mais tempo. O fim de sua paciência foi se aproximando cada vez mais. Se McCracken não convencesse Formosa e o resto dos caras a encerrar o caso em breve, Jon não tinha dúvida de que se encontraria na cama com Camille, mas não seria tão inocente como nas últimas três semanas.

— Eu preciso…

— O que você precisa Jon?

— A loja, eu preciso ir à loja. Eu volto já. — Jon limpou as mãos no jeans e virou-se abruptamente, com Camille ainda segurando o morango atrás dele.

— De volta? A loja fica a 45 minutos. — ela falou. — E a minha lição de autodefesa?

Jon praticamente correu para o caminhão, mal lembrando de pegar as chaves e sua carteira. No quase mês em que estiveram na cabana, Jon fez apenas uma outra viagem à pequena cidade nas montanhas, 45 minutos depois. A ideia de deixar Camille sozinha e vulnerável o deixava enjoado, mas ele precisava fugir, apenas por um minuto.

A estrada de acesso era um percurso acidentado de dez milhas até encontrar a estrada asfaltada que descia da montanha. Ele pisou no freio e jogou o caminhão no estacionamento assim que ele bateu no cruzamento. Na verdade, não querendo fazer a caminhada até a cidade, ele bateu a cabeça no encosto de cabeça. Ele precisava permanecer forte. Para não ceder à tentação de Camille. Ela merecia mais do que ele poderia lhe oferecer. Ele sempre estaria em sua vida, não disposto ou capaz de desistir completamente dela. E isso o mataria quando ela finalmente encontrasse um marido e iniciasse uma família com qualquer imbecil que tivesse a sorte de conseguir seu coração. Mas, mesmo assim, ele estaria lá, sofrendo silenciosamente, satisfeito ao ver a felicidade dela crescer.

Pelo menos foi o que ele disse a si mesmo. A verdade era que apenas o pensamento de Camille ser tocada por alguém que não fosse ele, o tornava homicida.

Precisando tirar sua mente da garota inocentemente pecadora que o esperava na cabana, Jon pegou o celular e ligou. Ele checava o código um dia para ver se havia alguma atualização da investigação, mas sempre em diferentes horários do dia, e nunca por muito tempo. Era um queimador, mas

ele ainda não queria correr o risco de que alguém pudesse rastreá-lo e descobrir onde eles estavam escondidos.

Uma vez que o queimador lento como o inferno foi inicializado, ele não mostrou novas mensagens. O caso não estava chegando tão rápido quanto ele queria. Claro, ele sabia muito bem que essas investigações nunca eram abertas e fechadas. Não aconteceu como nos programas de TV, não havia uma evidência vital que abrisse um caso e permitisse que você prendesse um homem dois dias após um crime. As coisas quase nunca eram tão legais em seu mundo. Não, eles tiveram que cavar e procurar por cada pedacinho de informação e construí-lo em cima dos outros como Legos até formar uma imagem que levaria à condenação.

Camille, porém, lhes dera tanta informação. Ele realmente pensou que eles só ficariam na cabana por duas semanas, no máximo, não as três, quase quatro, nas quais eles estavam trabalhando.

Jon pegou o número de McCracken e apertou enviar. Foram necessários apenas dois toques antes que seu ex-funcionário atendesse.

— Está tudo bem, chefe? — O cercado zumbiu ao fundo, e Jon descobriu que ambos estavam errados, e não o fizeram. Seus homens sempre seriam uma prioridade para ele, mas o rompimento da burocracia da administração de uma delegacia de polícia em uma cidade politicamente atrasada tinha sido bom.

— É para isso que estou ligando para descobrir, Luke. Onde está o caso? A que distância você está de uma prisão? — Jon agarrou o volante em um esforço para acalmar seus nervos. Ele precisava que isso acabasse. Para sua doce Camille estar segura.

O suspiro profundo de Luke não fez nada para acalmar a ansiedade de Jon. — Estamos em um beco sem saída, chefe. Esse cara Rich parece estar no vento. Não consigo encontrar o filho da puta em lugar nenhum.

— Como isso é possível? — Jon berrou, a janela ao lado dele vibrando com a força de sua própria frustração. — E o cara que tentou matar Cami? Você tentou interrogá-lo novamente? Conseguir um acordo melhor para ele?

— Nós oferecemos tudo a ele, menos o meu primeiro filho. Ele está mantendo sua história. Ele é um executor de contratos que foi contratado por um cara por telefone. Eles fizeram quedas mortas para todas as trocas de dinheiro, e ele nunca soube rostos ou nomes. — Mexendo no outro lado do telefone e mais vozes o deixaram saber que outra pessoa entrou na mesma sala que Luke. — Jon, Sophie está aqui, ela quer falar com você.

— Ok, mas eu preciso que você faça isso, Luke. Faz um mês desde que tínhamos um nome e um rosto nesse cara. Algo tem que dar. — Antes que o chefe interino pudesse responder, Sophie pegou o celular do seu futuro marido e ligou para o tio.

— Ei, tio Jon, como vocês estão indo, precisa de alguma coisa? — Ela sempre foi uma garota doce, querendo cuidar de todos que a encontravam. Jon não tinha dúvidas de que ela seria uma mãe maravilhosa para o bebê que atualmente carregava.

— Estamos bem querida. Não precisa de nada. E quanto a você? Meu futuro sobrinho ou sobrinha está sendo bom para você?

— Sim, finalmente terminei o vômito, e agora estou na energia infinita e querendo limpar a fase. — Luke gritou algo sobre isso não ser tudo o que ela queria ultimamente, e Jon prontamente tentou esquecer que ele já ouvira isso enquanto sua sobrinha gritava para ele calar a boca. — De qualquer forma, Camille está bem? Ela está usando as roupas que eu peguei para ela? Eu tive que adivinhar todos os tamanhos, já que as roupas dela foram enviadas para o laboratório forense.

Uma risada sardônica escapou antes que Jon pudesse segurá-la. Ela tinha se saído muito bem com as roupas. Bem demais. Quase tudo

se encaixava em Cami como uma segunda pele. — Sim, as roupas estão funcionando muito bem. Embora ela tenha mencionado algo sobre não levar roupas íntimas suficientes.

— Bem, sim, isso foi para seu benefício.

Se Jon já não estivesse sentado, ele teria caído de surpresa. — O que isso significa?

Sophie riu, a mesma risadinha que deixou seu pai e tio tão irreversivelmente enrolados em seu dedo mindinho. — Isso significa que eu vi o jeito que você olhou para ela nas poucas vezes que fui ao hospital. Vi como você estava obcecado em encontrá-la depois da prisão. Ninguém pode perder a unidade que você tem para protegê-la o tempo todo. Também vejo as mesmas coisas quando Luke olha para mim. Ela é sua, Jon.

— Isso é insano! Ela tem metade da minha idade. Não tem como. — As palavras eram fracas até para seus próprios ouvidos.

— Sim, existe uma diferença significativa de idade, mas não acho que isso importe muito nesse caso. Ela passou por mais alguns anos do que a maioria das pessoas na vida. E você é gentil, engraçado e, por mais que me doa dizer, muito bonito. Vi garotas ainda mais novas que ela perceberem quando você passa. Pela primeira vez na vida, Jon, você encontrou alguém que fez você colocar a força em segundo lugar. Você não hesitou em desistir de seu papel de chefe para manter Camille em segurança. — As palavras de Sophie intensificaram o desejo ardente em seu peito. Ele estava tentando negar e enfiar por semanas, mas o fato de alguém ver sua necessidade e carinho por Camille tornava impossível ignorar. — E Jon, eu vi o jeito que ela olha para você também. É da mesma maneira que olho para Luke. Não fique do seu jeito aqui. Se eu te conheço, você está fazendo tudo o que pode para ser o nobre cavalheiro e a afastando. Pare. Deixa acontecer.

— Sophie. Ela já teve tantas trevas em sua vida. Eu não quero ser o homem que a mantém longe da luz. Ela deveria sair, dançar, cometer erros,

com homens da mesma idade. — Porra, essas palavras torceram em seu intestino e pareciam erradas em sua língua. Porque elas eram mentiras. Ela viu muita escuridão, mas Jon nunca a afastaria da luz. Tudo o que ele queria era ajudá-la a brilhar. Que melhor maneira ele poderia fazer isso do que estar ao seu lado para levantá-la quando ela precisasse?

— Apenas pare de se esforçar tanto para que isso não aconteça e veja o que faz quando você apenas deixa ir. — Os dois ficaram em silêncio quando Jon absorveu tudo o que ela disse. — OK?

— Eu vou pensar nisso, Sophie.

CAPITULO OITO

Camille

A porta do caminhão batendo do lado de fora fez Camille deslizar pela cozinha para colocar os pratos na mesa antes de Jon arruinar a surpresa. Embora ela soubesse das aulas de medicina que não havia nada de romântico em um coração pulando uma batida, ela não podia negar que seu próprio coração parecia estar gaguejando dentro de seu peito com nervosismo e excitação.

As últimas três semanas com Jon foram incríveis. Eles riram. Eles leram livros juntos. Eles assistiram filmes, todos os cinco DVDs que tinham na cabana, repetidas vezes. Eles trabalharam juntos fora, foram caminhar juntos. Ele a ensinou a se defender, e ela usou a proximidade necessária durante as lições para memorizar as linhas duras de seu corpo. Era tudo o que Camille já sonhara quando imaginou como seria encontrar o homem com quem queria ficar para sempre.

Mas Jon não estava se mexendo. Ele mantinha tudo muito acima do limite, não importa como ela tentasse tentá-lo. Camille sabia que era completamente inepta em flertar ou seduzir, nunca tinha tido o motivo de sequer tentar antes. Mas isso não significava que ela desistisse de tentar. Ela cortou uma polegada extra de cada par de shorts que Sophie tinha levado para ela; recusou-se a usar um sutiã. Ela andou de toalha depois do banho e só dormia de camiseta todas as noites enquanto se deitava ao lado de Jon. Mas o homem ainda se recusava a segurá-la.

Talvez ela tenha interpretado mal a coisa toda. Talvez ele não estivesse realmente atraído por ela, talvez a ereção que ela via e sentia a cada manhã pudesse ser simplesmente atribuída ao tesão da manhã. Mas então, por que

ela ainda o ouvia murmurar seu nome enquanto dormia? Talvez ele apenas tivesse um complexo de herói superdesenvolvido e ela fosse apenas sua última donzela em perigo. O pensamento azedou seu estômago.

De qualquer maneira, ela decidiu parar de tentar seduzi-lo. Não estava funcionando, porque ela não tinha a menor idéia do que estava fazendo. Em vez disso, ela tentaria outro tato; honestidade brutal completa que seria auxiliada pelas duas garrafas de vinho que encontrou na despensa quando a limpava mais cedo.

No momento em que ela deslizou os dois copos cheios de líquido vermelho sobre a mesa, a porta se abriu e Jon entrou.

— O que é tudo isso? — Os olhos de Jon varreram a sala, absorvendo tudo. A mesa estava posta para um jantar para dois. O vinho. E, finalmente, Camille de pé ao lado de sua cadeira, com uma curta roupa rosa. O olhar dele aqueceu a pele dela, que desceu lentamente até os pés descalços e voltou aos ombros praticamente nus, exceto por duas tiras finas segurando o vestido. Seus olhos ardiam com o calor que ele sempre tentava manter contido, mas ela viu. Ele definitivamente a queria.

Ela não usava vestidos desde que eles chegaram, ela estava geralmente mais confortável em shorts e camisetas. Mas hoje à noite pedia algo extra. Além disso, sua sobrinha tinha sido gentil o suficiente para fazer as malas para ela.

— Eu estava organizando a despensa e encontrei essas duas garrafas nos fundos, em uma prateleira escondida. Não tenho ideia se será bom, mas achei que deveria fazer algo especial para acompanhar a bebida. — Ela tentou um meio sorriso, mas sabia que seus nervos o transformavam mais em um carrapato involuntário do que qualquer outra coisa. — Por favor, sente-se.

Fazendo como lhe foi dito, Jon deu a volta na mesa e sentou-se no local indicado por Camille. Assim que ele fez, ela trouxe a refeição, prato por prato e empilhou o prato dele alto. Macarrão com molho de creme abasil. Salada de

morango, usando as frutas que ela mesma cultivara, e pão grosso e crocante que ela havia feito no dia anterior. Acabar isolada na floresta trouxe à tona talentos que ela nunca soube que tinha, como assar. Ela encontrou um antigo livro de receitas da liga júnior em um dos armários e, lentamente, trabalhou nas receitas da relíquia dos anos 70.

— Parece incrível Camille, obrigado. — A mão dele cobriu a dela quando ela se sentou à mesa com seu próprio prato. Foi o contato mais intencional que eles tiveram desde que saíram do hospital, e aquela pequena pressão de sua pele contra a dela enviou puro calor ardendo através de seu sangue.

— Não tem problema, fiquei feliz em fazê-lo. — Camille se concentrou, tentando descobrir como exatamente ela deveria entrar em uma conversa sobre seus sentimentos por ele e o que eles poderiam fazer sobre eles. — Então, como foi a viagem à cidade?

— Nunca consegui. Acabei estacionado no final da entrada, pensando. — Seus olhos ficaram no prato enquanto ele girava a massa em torno dos dentes do garfo e a trazia aos lábios.

— O que você estava pensando? — O coração de Camille bateu no peito, porque talvez ela não precisasse ser tão convincente quanto pensava inicialmente. Jon parecia diferente agora, mais aberto.

— Sobre a nossa situação.

— Você quer dizer o caso? Houve quaisquer novos desenvolvimentos? — Uma pontada de decepção no peito diminuiu a batida rápida do coração, é claro que ele estava pensando sobre o caso. Obviamente, ele não retornou nenhum dos afetos que ela mantinha por ele.

— Sim, o caso, mas também... isso. — Ele acenou com a mão entre eles e meio que vagamente ao redor de toda a cabana.

— Isto? Como nós aqui na cabana? — Camille estava tão confusa. Ele se recusou a fazer contato visual com ela, mas estava falando sobre eles, não o caso, o que lhe deu esperança. Ela não precisava fazê-lo falar mais, em frases completas.

Jon passou os dedos pelos cabelos, segurando-os por um momento como se quisesse arrancá-los pelas raízes. — Porra, eu não sou bom nisso.

— Não é bom em quê?

— Nisto. — Outra onda selvagem de sua mão está entre eles. — Para as mulheres e dar a elas o que elas querem e falar sobre merda, que isso significa alguma coisa. — Jon se levantou da cadeira, quase a fazendo cair no chão com pressa. Andou de um lado para o outro da cozinha, com as mãos nos quadris e o peito arfando. — Eu estou fodidamente velho e definido no meu caminho. Eu não sei como fazer relacionamentos funcionar. Eu lidero. Eu inspiro minha delegacia, eu protejo. Mas eu não falo sobre meus sentimentos. Foda-se, mesmo dizendo que me faz querer dar um soco nas minhas próprias bolas.

Camille não pôde deixar de rir. Através de tudo, espancamentos e torturas, tentativas contra sua vida, estadia prolongada no hospital, ela nunca viu Jon tão agitado e agravado. Ele estava zangado, sim, mas controlava a maior parte do tempo. Parecia que o trabalho duro estava finalmente começando a rachar.

— Jon, vamos lá, vamos para o sofá. Parece uma conversa que precisa de conforto. — Camille levantou-se, passando os dedos pelos dele e puxou-o para a sala onde ela o colocou para sentar no meio. Depois que ele o fez, ela se sentou ao lado dele, de joelhos, com os pés dobrados sob a bunda. — Fale comigo, Jon. Somos apenas você e eu, você pode dizer qualquer coisa para mim.

Ele ficou em silêncio, parecendo não saber por onde começar, o que ela podia entender. O relacionamento deles era complicado com o caso, a

diferença de idade, a posição dele na comunidade e o envolvimento dela em um grupo de drogas. Era muito o que enfrentar.

— Ok, eu vou começar. — Camille respirou fundo e segurou-a quando começou a falar. — Eu não acho que será uma surpresa que eu tenha sentimentos por você, Jon. Sentimentos fortes. Eu tenho tentado fazer com que você retribua esses sentimentos nas últimas semanas, mas você permaneceu teimosamente um cavalheiro.

— Merda, se você soubesse as coisas que eu pensava no chuveiro todos os dias, não pensaria que sou um cavalheiro. — Jon se inclinou para a frente apoiando os cotovelos nos joelhos e cobrindo a boca com uma mão grande, obviamente irritado consigo mesmo por quaisquer fantasias que tivesse em sua própria cabeça.

Se ele soubesse.

— Jon, eu posso ser mais nova que você, mas não sou completamente ingênua. Eu sei o que você faz naqueles longos banhos que toma. Você acha que eu estou dormindo enquanto você está lá, mas eu ouço você. — Para que essa conversa fosse levada a lugar algum, Camille precisava insistir. E o que ela estava prestes a revelar iria empurrá-lo na direção em que ela precisava desesperadamente, ou afastar o homem dos seus sonhos. — Eu deito na cama todas as manhãs, ouvindo o tapa rítmico da sua mão no seu pau molhado. Os gemidos guturais que você faz quando se aproxima. O som baixo murmurado do meu nome. Eu conheço Jon. Deito na cama e faço a mesma coisa comigo mesma. Parto com o som de você fantasiando sobre mim.

A sala ficou totalmente imóvel, a tensão espessa e tangível ao seu redor. O coração de Camille disparou depois de sua confissão. Jon sentou, corpo rígido ao lado dela, sua resposta de luta ou fuga como outra pessoa presente na sala.

— Caramba, Camille, você não pode me dizer essa merda. Isso me faz querer puxar você debaixo de mim e fazer você minha. Fazer como eu

imaginava tantas vezes desde que passei por você na delegacia naquele primeiro dia. Quero marcar você e garantir que nenhum outro homem ouse tocar o que me pertence. — Os punhos cerrados no topo da cabeça pendente, as palavras derramando no sussurro profundo que ela já ouvira.

Alívio e emoção a invadiram. Ele a queria, e não apenas sexualmente, se ela estava interpretando seu significado certo. Ele queria que toda ela fosse dele, assim como ela queria tudo dele. — Sim, faça isso. Marque-me. Faça-me o sua — Ela avançou em sua direção no sofá até que seus joelhos pressionaram contra o lado de suas poderosas coxas. — Por favor.

O clitóris de Camille palpitava com o ritmo do seu coração, sua excitação deslizando suas coxas nuas sob o fino vestido de algodão. Porra, ela queria que ele preenchesse a necessidade entre as pernas dela. Precisava dele lá como se precisasse de seu próximo suspiro. Ela pode nunca ter levado um homem para dentro de seu corpo antes, mas de alguma forma sabia que o desejo que sentia naquele momento só seria resolvido pelo grande corpo dele empurrando-o.

— Você não sabe o que está dizendo, Cami. — Jon inclinou seu corpo grande de volta para o sofá e a olhou nos olhos pela primeira vez desde que a conversa começou. — Você passou por coisas nem outras pessoas neste planeta conseguem imaginar. Posso não ter cursado a faculdade, mas estou ciente da psicologia básica. É natural que você tenha sentimentos românticos por mim depois de tudo o que passou. Por mais que eu queira você, nunca posso tirar proveito disso.

Camille queria rir de sua psicologia em cadeira de rodas. Frustrada com a forma como essa conversa continuava em círculos, ela decidiu dizer para os riscos irem para longe e ficou ousada. Talvez isso convencesse esse homem teimoso a calar a boca e levá-la já. Pressionando-se sobre os joelhos, Camille passou uma perna sobre os quadris e se acomodou em suas coxas grossas. A bainha do vestido se assentava no meio da coxa, alta o suficiente para ser

tentadora, mas não alta o suficiente para ele ver que ela não estava usando calcinha.

— Você acha que eu tenho algum tipo de adoração a você, Jon? — Camille passou as mãos pelos planos duros de seu peito e estômago. Tudo sobre o homem a excitou, a ponto de se distrair, mesmo completamente vestido. — Que eu quero ficar com você porque você me salvou?

— Sim Cami... algo assim. — O homem nascido na tubulação ainda mantinha as mãos firmemente pressionadas em punhos ao lado do corpo, não querendo tocá-la, apesar do quanto ela ansiava pelas mãos dele em sua pele. — Você é uma mulher jovem, bonita e inteligente, e eu sou um policial velho e desgastado. Não há outra razão pela qual eu possa pensar em você estar interessada em um homem como eu.

— Jon, não quero te desrespeitar, mas eu me salvei. Eu saí daquele porão, cheguei à delegacia, sofri um mês de dor sem drogas para ajudar a aliviar meus ferimentos. Vou te defender contra meu irmão no tribunal quando ele for pego. — Ainda mantendo uma pequena distância entre as calças de tenda e onde ela mais o queria, ela avançou no colo dele, fixando o olhar dele no dela. Jon precisava ouvi-la, entender que ela queria pelo homem lá dentro, não o que ele poderia ter feito por ela. — Eu fiz tudo isso. Por mim mesma. Você esteve aqui para me apoiar, você me deu um lugar seguro para deitar minha cabeça, e toda vez que eu aprendo algo novo sobre você, isso me faz cair um pouco mais fundo. Mas eu me salvei. Eu não preciso de um herói. Eu sou meu próprio herói.

Camille passou as mãos pelos lados dele e segurou as mãos dele nas dela, erguendo-as nas coxas nuas, onde o vestido avançara um pouco mais. — O que eu preciso é que você me toque com essas mãos. Você me faz sentir quente e carente. Se você não me ajudar a apagar esse fogo dentro de mim, posso morrer por querer você.

CAPITULO NOVE

Jon

Cada pedaço da restrição de Jon estalou no segundo em que Camille pronunciou essas palavras. A cada momento ele se mantinha por quase um mês. Toda manhã ele acordava com seu corpo quente e doce pressionado contra o dele. Cada vislumbre de sua pele naquelas roupas minúsculas que ela usava. Todos saíram de seu corpo na forma do beijo mais abrasador que ele já experimentara em quarenta e cinco anos. Se ele fosse um homem melhor, teria sido capaz de manter a resistência a essa conexão invisível entre eles. Mas, aparentemente, ele não era um homem muito bom. Ela não parecia se importar. Bem, ela estava prestes a conseguir o que queria. Não havia mais como se conter.

Os lábios macios de Camille receberam sua boca, separando sua língua, sem hesitação. Um momento ela estava sentada no colo dele, e no momento seguinte Jon estava de costas para o sofá enquanto ele devorava sua boca com uma urgência que deveria tê-la assustado. Mas, em vez de medo, ela apenas lhe mostrou paixão, combinando cada golpe de sua língua com a dela. Gemidos selvagens deslizaram por sua garganta, e ele engoliu cada um, querendo consumir cada pedacinho de seu prazer.

Ele empurrou seu pau duro contra o alto de suas coxas, seu suspiro aumentando seu desejo ainda mais. — É isso que você queria esse tempo todo, querida? Meu pau pressionou contra sua boceta carente?

Seus lábios nunca se separaram, falando as palavras no meio do beijo quente. — Sim, mas preciso de mais. Muito mais.

— Porra, eu vou te dar tudo. — Jon sentou-se de joelhos entre as pernas dela. O vestido que ela usava agora empurrava sua cintura, deixando em exibição sua boceta nua brilhando e rosa para sua diversão. — Você colocou esse vestidinho sem calcinha para me tentar?

— Não para tentar você. Para facilitar quando finalmente chegássemos aqui. — Ela choramingou e se contorceu embaixo dele, sua necessidade se tornando conhecida em cada som e movimento. — Por favor, Jon.

— Não se preocupe. Eu cuidarei de você. — Porra, ele quis dizer aquelas palavras com todas as fibras de seu ser. Cami estava certa, é claro, ela se salvou. Mas Jon estava lá para ajudá-la a se curar, para cuidar dela, e decidiu naquele momento que sempre o faria.

Jon deslizou pelo corpo dela, as pernas penduradas no sofá, os ombros pressionando ainda mais as coxas dela, e ele apenas olhou por um tempo. Ele traçou cada dobra com os dedos, memorizou a única vagina que ele veria pelo resto de seus dias. Cada toque suave de seu dedo contra sua carne sensível fazia Camille pular como se fosse tocada por um fio vivo.

— Oh Deus Jon, eu preciso de mais, por favor, por favor, por favor. — A cabeça dela se agitava de um lado para o outro no braço do sofá, o peito subindo e descendo violentamente.

Puxando os lábios de sua vagina com polegar e o indicador, Jon gemeu ao ver diante dele. Seu pequeno clitóris era um nó duro para o toque dele, seu buraco apertado brilhava com o produto de sua excitação. — Perfeito.

Com um longo golpe de sua língua da abertura para o clitóris, o corpo de Camille disparou do sofá e ela chorou de êxtase. Jon agarrou seus quadris e a segurou lá enquanto ele circulava em torno de seu botão sensível, depois descia ao redor de seu buraco, fazendo uma figura oito estampada em círculos, mas não tocando muito onde ela precisava. Ainda não. Ele queria construí-la primeiro, ela o enlouqueceu por semanas, agora era a vez dele.

Todos os sons que saíam de sua boca tinham Jon no limite de seu próprio controle, no entanto. Vinte e cinco anos como policial não foram por nada, no entanto. Ele sabia um pouco sobre força de vontade e restrição.

A mão minúscula de Camille se agachou para agarrar seus cabelos, puxando seu rosto com mais força contra seu núcleo. Foda-se, estava quente. Os sucos dela saíram dela e ele os lambeu o mais rápido que pôde, espalhando-os sobre o clitóris, antes de descer mais um pouco. Tinha um sabor doce e picante, como toranja colhida diretamente da árvore.

Por mais incrível que tivesse o rosto enterrado na vagina de Camille, o sofá não lhes dava muito espaço. Esta seria a primeira vez em que eles precisavam de espaço para tudo o que ele planejara fazer com o corpo dela.

Camille choramingou quando ele se afastou e ficou em pé. — Por favor, não, não pare, eu estava tão perto. Você nem é tão velho assim.

Jon não pôde deixar de rir, ele estava completamente apaixonado por essa garota. — Foda-se a diferença de idade. Eu não estou parando. Nunca. Estou levando você para uma cama, no entanto, para que eu possa deleitar-me adequadamente.

Jon se inclinou para baixo e a jogou por cima do ombro e caminhou em direção ao quarto principal. Como o vestido dela ainda estava enrolado na cintura, colocou sua bunda deliciosa ao lado do rosto dele. Ele passou a mão sem segurá-la firme ao longo daquela curva pecaminosamente quente, e Camille gemeu atrás dele.

— Você gosta disso, querida? — Ele deu um tapa na bunda dela, nada duro, apenas o suficiente para fazê-la mexer em seu rosto. — Me responda.

— Sim, eu amo tudo o que você faz comigo.

— Eu mal comecei, Cami. Apenas espere. — Ele passou os dedos pelas suas dobras escorregadias, expostas na posição dela por cima do

ombro. Seus gemidos ficaram desesperados e ela se contorceu contra ele. Felizmente, foi uma curta caminhada até o quarto, e Jon a jogou no colchão grosso, as pernas pendendo para o lado. — Tire esse vestido antes que eu o rasgue.

Cumprindo, Camille sentou-se o tempo suficiente para chicotear o algodão frágil sobre a cabeça e o chão. — Você é o próximo. Eu quero te ver.

Como ninguém desobedeceu a ordem, Jon agarrou a camisa atrás do pescoço e a tirou.

— Porra. Essa é a coisa mais sexy de todas. Como os homens fazem esse movimento parecer tão gostoso? — Camille estava praticamente ofegando na cama diante dele, as pernas abertas, seios alegres em exibição. Ele precisava colocar sua boca em todas as partes dela. — Calças também, chefe. Preciso ver o que me cutuca no quadril todas as manhãs nas últimas três semanas.

— Desculpe, querida, mas essa eu vou ter que esperar. Se eu soltar esse monstro agora, não serei capaz de me segurar. Ainda não estou pronto para ele estar no controle. — Era a verdade. Se ele tirasse seu pau agora, ele estaria batendo nela dentro de momentos. E ela merecia mais do que isso.

Jon não lhe deu a chance de responder antes de cair de joelhos e prender as pernas dela sobre os ombros. Ele precisava de seu rosto enterrado na terra prometida mais do que precisava do ar para respirar. Sem brincadeiras desta vez, Jon foi direto para a matança, passando a língua sobre o pequeno clitóris inchado, pressionando suavemente um dedo em sua abertura apertada.

— Jesus, você é tão apertada, Cami. Nós vamos ter que ir muito devagar quando você me levar dentro de você. Eu não quero te machucar, querida. — Cami pode não ter ouvido ele com todos os gemidos e contorções que estava na cama. Não que isso importasse, Jon faria qualquer coisa para poupar a dor de Cami, inclusive trabalhando-a com os dedos e a boca até que

seu corpo se tornasse relaxado e complacente o suficiente para levar seu pau grande.

Quando ele sacudiu o clitóris com a língua, ele lentamente deslizou o dedo dentro e fora de sua vagina, certificando-se de enrolá-lo, para que ele roçasse aquele pedaço de nervos que garantia enviar seu céu disparando para o prazer. Seus sucos estavam fluindo agora, facilitando o caminho para suas ministrações, então ele acrescentou outro dedo.

A intrusão extra fez com que ela segurasse seus cabelos com força, empurrando seu rosto ainda mais contra suas dobras. Jon moveu a mão mais rápido e chupou seu clitóris, e como o sol rompendo as nuvens, o orgasmo de Cami estourou ao acender sua palavra inteira no fogo. Nada seria o mesmo agora que ele experimentara aquele momento de puro êxtase não filtrado, mesmo que não fosse tecnicamente dele.

Seu pênis estava tão duro que ele não pôde deixar de balançar contra a cama, esfregando lentamente o colchão até o ponto que ele pensou que poderia fazer uma bagunça e se perder. Como uma porra de adolescente.

Cami desceu lentamente, mas Jon continuou, lambendo, chupando e dedilhando-a para um segundo e terceiro orgasmo.

— Por favor, Jon, preciso de você lá dentro. — Lágrimas escorrem dos cantos dos olhos para se acumular nos lençóis abaixo, cada lágrima torcida por seu prazer.

Ele não podia negá-la, Jon se levantou, jogando seu jeans e boxer no chão antes de rastejar sobre seu corpo mole. Assim que o comprimento dele deslizou contra seu centro quente e encharcado, um pensamento terrível entrou em sua mente.

— Porra! — Ele abaixou a testa para pressionar a dela, o registro e a frustração aumentando para um crescendo dentro dele.

— O que há de errado, por favor Jon, o que quer que seja, esqueça e entre dentro de mim. Por favor. — Ouvi-la implorar quase o matou, ele queria mais do que literalmente qualquer coisa no planeta.

— Eu não tenho camisinha. Eu não trouxe nenhuma, e algo está me dizendo que minha sobrinha também não as embalou. — A garota intrometida que ele amava como uma filha o tentava propositadamente com as roupas minúsculas que ela comprou para Cami, depois não empacotava os preservativos que seriam necessários quando ele inevitavelmente quebrasse.

Os quadris de Cami balançavam para frente e para trás sobre seu pênis, sua respiração ofegante aumentando até que ele pensou que ela poderia orgasmo apenas com essa transa não tão seca. — Está tudo bem, eu não me importo. O momento no meu ciclo estaria errado para que algo acontecesse. E você pode vir no meu estômago. Marque-me com sua semente por toda a minha pele.

Por alguma razão, esse pensamento o excitou ainda mais, e o fez querer bater no peito e dizer a ela que o único lugar em que ele colocaria sua semente estava profundamente dentro do corpo dela, onde poderia criar raízes. Mas ele não faria isso com ela, ainda não pelo menos. Cami tinha acabado de sobreviver a algumas das coisas mais traumáticas pelas quais uma pessoa pode viver, ela não precisava estar grávida do bebê de um velho agora.

— Você tem certeza, Cami? O pensamento de ter meu esperma embebido nessa pele macia me deixa ainda mais difícil do que eu pensava que poderia ser. Mas se você tiver alguma dúvida, prefiro esperar até que eu possa voltar à cidade para comprar preservativos. — Ele passou as costas dos dedos pela bochecha macia, procurando profundamente em seus olhos a verdade do que ela queria. — Eu posso te foder com a minha boca até você desmaiar, não precisamos fazer isso neste minuto. — A mentira tinha gosto azedo em sua língua. Sim, ele se deliciava alegremente em sua vagina até que o prazer a deixasse seca, mas ele também sentia como se seu mundo inteiro terminasse

se não se enterrasse profundamente dentro dela nos próximos sessenta segundos.

— Foda-se, eu preciso de você agora, Jon. Este é o mais incrível que já me senti em anos. Não quero que termine ainda, nunca quero que termine. Eu quero que você enfie esse seu pau enorme tão fundo dentro de mim que eu sentirei até eu dar o meu último suspiro. — Ela moveu os quadris novamente de uma maneira que magicamente alinhava a cabeça de seu pau com sua abertura apertada. — E então eu preciso que você faça isso de novo em alguns instantes. E novamente todos os dias pelo resto de nossas vidas.

Como alguém poderia negar um pedido tão sincero e fodidamente sexy? — Graças a Deus, eu também preciso de você. Mas quero assistir a primeira vez que entro nessa linda boceta. — Ele pulsou seus quadris apenas o suficiente para abrir os lábios e mergulhar a ponta de seu pênis em seu poço. Antes que ele perdesse o controle, Jon se recostou para que sua bunda descansasse contra seus calcanhares. Ele agarrou os quadris de Cami, agora exuberante depois de semanas alimentando-a como a rainha que ela era, e a arrastou até sua bunda descansar em suas coxas. Pensando nisso, Cami plantou os pés no colchão e empurrou levemente para que seus corpos se alinhassem perfeitamente.

— Eu sei que disse que iria devagar, mas não sei se posso. Eu quero bater em você com força e rapidez agora.

— Isso. Faça isso. Foda-se devagar. — Sua vagina brilhava com novos sucos e ele não podia esperar mais.

Apertando seu quadril, ele a puxou em sua direção e empurrou seus quadris para frente em um movimento nítido e sincronizado. Uma miríade de sensações sobrevoou-o, chocando-o em silêncio. Mas Cami gritou: parte da dor, parte do prazer. Suas paredes eram tão apertadas que estrangularam seu pênis e ele sabia que não poderia recuar ou que talvez não fosse capaz de voltar.

Ele nunca tirara a virgindade de uma mulher antes, sua primeira vez fora com uma mulher em seu bairro, com uma preferência conhecida por homens mais jovens. Mas assim que ele empurrou dentro do corpo delicado de Cami, ele sentiu uma resistência inesperada antes de bater em casa. E ele sabia, sem uma única hesitação, que ele tinha acabado de ser dela.

— Por que você não me contou, Cami? — Seu coração doía sabendo que ele a machucara, ele jurou nunca fazer isso. A culpa o dominou porque, em algum nível, ele amava que fora ele quem o fez. Seja porque isso significava que ela nunca seria com outro homem em sua vida.

Ele foi o primeiro e ele seria o último.

CAPITULO DEZ

Camille

— Você é tão honrado, Jon. — Camille não conseguia parar as lágrimas, por mais que tentasse. Ela não achou que isso doeria tanto, considerando quantas vezes a boca mágica de Jon a levou ao orgasmo. Mas ele era tão grande que ela não podia negar que a dor havia sido considerável. Mas agora que ele parou dentro dela, a dor diminuiu, para ser substituída por uma nova queima. Um anseio por ele se mover, bater nela e fazê-la gritar, mas desta vez apenas por prazer. — Eu sabia que se eu dissesse havia uma chance de você se convencer a não fazê-lo, eu não correria esse risco.

— Minha querida, Cami. Você pode estar certa, mas agora que estou dentro de você, não há como deixar você ir. — Jon passou a mão larga pelo centro do corpo, da garganta até a boceta. — Este corpo é meu agora. E o meu é seu. Ninguém jamais tocará você, além de mim. E eu vou protegê-la com a minha vida.

Pegando-a em seus braços, Jon a sentou em seu colo, fazendo seu pênis se enterrar ainda mais fundo dentro dela, e fazendo-a ofegar de surpresa.

— Mas agora que a parte difícil acabou, vamos levar isso devagar. Você vai se sentir bem em nossa primeira vez e tudo que você se lembrará é do êxtase que estou prestes a fazer você sentir, nunca da dor.

— Deus, Jon, eu posso sentir você em todos os lugares. Não apenas na minha boceta. Mas através do meu corpo inteiro. No meu coração. Em minha alma. Não achei que seria assim. — Ela soluçou contra ele, completamente desfeita pela torrente de emoções e sensações.

— Shhh. Está tudo bem, querida. Eu cuidarei de você. Envolva seus braços em volta do meu pescoço e segure. — Jon reposicionou as mãos nos quadris dela e a retirou lentamente de seu pênis até que apenas a cabeça permanecesse dentro dela. E quando ela estava prestes a expressar seu protesto por ele deixar seu corpo, ele a deslizou de volta pelo seu eixo em um puxão lento.

O deslizar de sua pele contra seus delicados tecidos internos a fez cambalear, e ela se encolheu nas costas dele. — Mais rápido, Jon. Mais.

— Ainda não. — ele rosnou com os dentes cerrados, ele repetiu o movimento, usando sua força considerável para movê-la para cima e para baixo seu comprimento de aço, cada impulso construindo-a em uma espiral lento em direção a um orgasmo que ela não estava certa se seria capaz de sobreviver. Palavras incoerentes saíram de sua garganta, junto com gemidos enquanto ele a trabalhava com uma determinação de aço. Ele a beijava continuamente o tempo todo, ocasionalmente inclinando a cabeça para chupar o peito quase todo o caminho em sua boca antes de puxar para seus mamilos duros e mordiscá-los um pouco.

Seus quadris assumiram uma mente própria, lutando contra o ritmo lento dele. Se contorcendo em desespero contra suas mãos e pau para pegar mais dela, para levá-la mais rápido. Mas ele a ajudou durante todo o processo, não deixando seu corpo enlouquecido assumir o controle. O chefe Jon Gallo estava completamente no controle de seu corpo.

Depois do que deve ter passado horas, Jon se afastou para olhar nos olhos dela e aproximou o polegar para empurrar seu clitóris pulsante. — Agora.

Os portões do poço se abriram. Jon a fodeu como um louco, deixando de lado todo tipo de restrição que ele segurou durante as semanas em que estavam escondidos na cabana. A nova velocidade acelerada provocou o orgasmo mais intenso que Camille já havia experimentado em sua experiência muito limitada. Não era apenas um orgasmo, mas uma série inteira deles, um após o outro, construindo um em cima do outro até que ela

arranhou suas costas e cabelos. Depois que ela alcançou aquela grande subida à euforia, e começou a vertiginosa descida do outro lado, Jon aumentou ainda mais a velocidade.

— Tão perto, Cami. Eu quero tanto entrar nessa doce boceta, mas ainda não. Não até que você esteja pronta para carregar meu filho dentro de você. Estar ligada a mim em todos os sentidos. — O pensamento pareceu excitá-lo ainda mais, e ela sentiu seu pênis inchar dentro dela. — Não, eu vou gozar por todo o seu corpo quente, então eu vou esfregar em você, para que todos os homens que estejam a um metro e meio de distância saibam instintivamente que você está fora dos limites.

Jon a deitou de costas e se apoiou sobre as mãos dele. O novo alcance livre da posição a fez correr rapidamente para outro clímax, e assim que ela gritou o nome dele, Jon se afastou, bombeando seu pênis mais duas vezes antes de seu esperma sair da ponta. Camille observou fascinada o líquido viscoso sair de seu corpo, pousando em seu peito, estômago e até o queixo. Era a visão mais linda que ela já vira, e parecia durar mais do que ela esperava, pois jato após jato de sua semente pousou nela, marcando-a como dele.

— Porra, Cami, olhe para isso, seu creme doce está cobrindo meu pau. É até um pouco rosado com a evidência da minha reivindicação. — Jon rosnou enquanto continuava a bombear seu pau, torcendo cada última gota nela. — Por que isso me excita ainda mais?

Não se preocupando com a questão, ela estendeu a mão para girar o dedo em uma poça de esperma entre os seios e levou-a aos lábios. O sabor dele explodiu em sua língua quando ela chupou o líquido salgado do dedo.

— Você vai me matar, Cami. Você é tão sexy e nem está tentando. É apenas o seu caminho natural. — Jon caiu ao lado dela na cama, respirando fundo, enquanto os dois se recuperavam de sua intensa foda. Ele a puxou pela metade em cima do peito, não parecendo se importar com o fato de que ele estava sujando todo o corpo de ambos.

— Então, isso significa que eu posso te chamar de papai agora?

Jon riu alto e longo, e Cami sorriu, feliz por não ter se ofendido com a piada dela sobre a diferença de idade. — Mulher, não tenho medo de bater em você, então assista.

Ele a levou ainda mais apertado e beijou o topo por cima da cabeça dela. Nunca em toda a sua vida Camille se sentiu tão contente e feliz.

Ela sabia que em algum lugar lá fora, seu irmão espreitava, querendo-a morta, aguardando seu tempo. Mas ela não tinha forças para se importar com aquilo naquele momento. Não enquanto ela estava satisfeita e sorrindo nos braços de Jon.

***

— Jon, não quero parecer ingrata, porque aprecio tudo o que você fez por mim nas últimas semanas. — Camille caminhou atrás do agora mais desgrenhado do que nunca Chefe de Polícia e passou os braços em volta da cintura dele, apoiando a bochecha nas costas dele, enquanto ele continuava a cortar os vegetais que ela havia escolhido naquela manhã. Ela amava absolutamente a mecha que ele estava crescendo, e os cabelos rebeldes que ele não tinha escolha a não deixar crescer, já que eles não tinham exatamente um barbeiro na rua. — Especialmente todos os orgasmos. Mas juro por Deus que, se tiver que assistir a outro filme policial, vou gritar.

A risada de seu amante não fez nada para suavizar seus nervos desgastados. Eles estavam escondidos na cabana por quase dois meses. E embora as últimas semanas tenham sido incríveis, agora que eles eram abertos e honestos sobre o quanto eles queriam um ao outro, Camille estava pronta para que toda essa maldita coisa acabasse.

Eles faziam sexo todas as manhãs e quase todas as noites, e geralmente duas vezes no meio. Jon tinha ido à cidade mais próxima no dia seguinte à primeira noite juntos para estocar preservativos, e eles estavam quase fora. A verdade era que ela desprezava os diabinhos de borracha. Ela queria Jon dentro dela nu, mas ele se recusava a ceder a ela a maior parte do tempo, e quando o fazia, sempre se afastava e gozava em seu peito. Por mais quente que encontrasse aquele ato em particular, ela queria sentir Jon solto dentro dela, sem nada entre eles. Ela queria que seu esperma quente a enchesse, e sim, ela queria ter seus bebês.

Mas ele insistiu que ela não estava pronta para isso. Ele falou sobre ela voltar para a faculdade depois que seu irmão for pego. Começando sua vida de onde tinha parado, mas com ele nela. Ela não teve coragem de lhe dizer que não tinha mais nenhum desejo de sentir mais dor como médica. Ela experimentou dor suficiente para durar uma vida. E embora ela planejasse voltar para a escola para se formar, não seria em nenhum campo tão rigoroso quanto o pré-médico. Ela ainda não tinha certeza do que seria, mas tinha tempo de sobra para descobrir.

Quando não estavam fazendo sexo ou discutindo seu futuro, estavam do lado de fora trabalhando na terra, caminhando ou brigando, algo que Camille logo descobriu que amava. Eles começaram todos os dias com outra lição de boxe de autodefesa. Jon até montou um pequeno campo de tiro da cabana, onde ele a ensinou a atirar tanto em sua arma de serviço quanto em uma espingarda. À noite, eles assistiam filmes e liam livros. O problema era que eles haviam assistido a todos os filmes de ação que ele possuía, e até mesmo alguns dos filmes da Disney em VHS que Jon desenterrou do antigo quarto de Sophie.

A febre da cabana de Camille estava em alta histórica. Se ela não recebesse algum tipo de entretenimento que não envolvesse um policial de linha reta e seu parceiro imprudente e brincalhão em breve, ela pensava que poderia muito bem arrancar os cabelos.

— Ok, querida. Eu tenho adiado correr para a cidade em busca de suprimentos, então acho que posso fazer a viagem hoje. — Jon apoiou a faca na beira da pia e virou-se para envolver os braços em volta da cintura dela, segurando suas nádegas nas palmas das mãos. — Além da comida e dos preservativos de que precisamos, vou pegar alguns filmes novos. O que você está procurando?

Camille listou todos que ela conseguia pensar enquanto Jon fazia uma anotação. Eles não conversaram muito sobre o caso, mas Camille sabia que não estava indo muito bem, então eles ainda poderiam ficar na cabana por um tempo. Ela precisava ter certeza de que eles estavam bem abastecidos para entretenimento.

— Posso dar uma olhada na lista para ver se preciso de algo antes de você ir? — Jon assentiu e entregou o pedaço de papel antes de ir para o quarto deles para pegar uma camisa e seus sapatos. Escrevendo rapidamente antes de voltar, Camille anotou as alterações na lista e dobrou-a ao meio.

— Ok, querida, volto em duas horas, não se esqueça de trancar tudo atrás de mim e não saia até eu voltar. — A voz dominante de Jon enviou arrepios sobre sua pele. Ela amava essa voz, e não conseguia entender como nenhuma mulher o havia arrebatado ainda quando ele a usou.

Por mais que ela amasse o tom mandão dele, o amava ainda mais quando ela o provocava, então ela se certificou de dar a ele de alfinetadas. — Sim senhor. Eu ficarei esperando por você até seu retorno, papai. — Ela fez uma saudação firme e tentou suprimir o sorriso lutando nos cantos da boca.

— O que eu disse que faria se você me chamasse assim de novo? — Jon a seguiu com fogo nos olhos. Porra, ela adorava apertar os botões dele.

Antes que ela pudesse responder, inclinou-se e a levantou sobre o ombro largo dele, uma mão caindo em um forte barulho na bunda dela. A picada aguda da palmada foi suavizada pelas calças de ioga de algodão, mas ainda a deixou molhada e dolorida por dentro.

— Agora, quando eu voltar, estou dobrando você sobre a mesa e dando a você mais dez até que sua bunda nua fique vermelha com a minha impressão digital. Então eu vou te foder até você gritar meu nome. — Ele a colocou de pé, segurando seus quadris até que ela encontrasse seu equilíbrio novamente.

Camille não poderia esconder o sorriso de seu rosto, mesmo se ela tentasse. Jon a beijou mais uma vez, apenas um selinho rápido dessa vez, virou-se e foi em direção à porta, pegando as chaves e a carteira da mesa do corredor enquanto passava. Antes que ele pudesse alcançar a porta, Cami o chamou. — Se isso é você tentando me fazer não chamá-lo de papai, você está lidando com isso da maneira totalmente errada.

— Mulher, você vai me matar.

CAPITULO ONZE

Jon

Entrando no estacionamento da mercearia, Jon checou a lista para ter certeza de que conseguiria tudo o mais rápido possível e retornaria à sua cami-girl. A boca naquela garota o fazia foder com força toda vez. Ele estava começando a pensar que todo o truque de 'papai' era engraçado como o inferno.

Uma risada saiu de sua boca enquanto Jon continuava descendo a ilha. Camille rabiscou 'preservativos' na lista e o substituiu por 'seu pau nu em mim assim que você voltar'. Estava ficando cada vez mais difícil para ele fazer a coisa certa. Ele sabia que ela poderia se arrepender se engravidasse agora, logo após sofrer o trauma de ser mantida em cativeiro por seu irmão e torturada por seus capangas. Todos os dias o espantava como ela aceitava as coisas com calma. Camille não enterrou a dor, ela a reconheceu, colocou no lugar e depois seguiu em frente. Observando-a enquanto ela se movia pelo local, sem perceber que os olhos dele a seguiam o tempo todo, ele viu como uma memória a atingia, impedindo-a de seguir seu caminho. Com os olhos fechados, ela respirava, deixava secar, depois respirava fundo, ajeitava os ombros, abria os olhos e seguia seu caminho. As únicas vezes em que ela parecia completamente à vontade era quando estava em seu jardim ou nos braços dele.

Ainda assim, toda noite ela acordava gritando de pesadelos que não conseguia lutar enquanto dormia, e cada vez que Jon a abraçava e a acalmava de volta ao sono. Mas ela era tão insistente que o queria nu novamente, era muito difícil de ignorar.

Jon havia desistido da idéia de ter sua própria família há muito tempo. Sophie estava tão perto quanto ele jamais seria de pai. Mas agora um mundo inteiro de possibilidades estava diante dele. E ele queria tudo isso. As crianças. O caos. A esposa.

Jon ligou a caminhonete e saiu do estacionamento. Houve uma parada que ele teve que fazer antes de fazer compras. O dedo anelar esquerdo de sua mulher estava nu demais, e ele precisava consertar isso imediatamente.

***

Quando ele fez a curva na longa estrada de acesso à cabana, seu coração disparou como se tivesse acabado de dar quatro voltas com o treinador. O caminhão estava cheio de suprimentos suficientes para levá-los por mais três semanas, se a investigação fosse muito além do que eles precisariam pensar em opções de longo prazo, porque, tanto quanto ele quisesse, eles não poderiam ficar de fora no meio do nada para sempre. Segundo Luke, o prefeito e o presidente do conselho da cidade estavam se cansando da ausência de Jon. Muito mais tempo e eles votariam para demiti-lo, sem sua pensão, que ele não podia aceitar. Ele precisava sair por conta própria para ter os meios de sustentar a família que nunca esperou ter.

Ele não viu o irmão de Cami botar o anel para persegui-los por todo o país, não enquanto ele tinha a polícia tão longe que podia provar o esmalte em seus sapatos, e os FEDs já estavam mastigando um pouco para deixá-los tomar sobre o caso. Então, o plano de Jon era convencer Camille a ir para a escola, na Califórnia. Ele tinha visto as transcrições dela, 4.0 em geral, mesmo nos assuntos sobre os quais Jon mal entendia os nomes.

Ele poderia fazer alguma consultoria em segurança, talvez obter sua licença de PI e voltar ao que costumava amar, investigando. Inferno, ele ficaria em casa e interpretaria o Sr. Mamãe se ela falasse sério sobre a coisa toda das crianças.

O pensamento trouxe um sorriso em seu rosto. Ele estava ficando velho, mas ele não era tão velho que não conseguia perseguir duas crianças ao sol. Não era tão velho que não podia passar a noite toda tentando colocar aquelas crianças na barriga de Camille. Seu pênis inchou atrás do zíper.

O caminhão balançava para frente e para trás enquanto ele batia na estrada gasta que levava à cabana, ele mal podia esperar para afundar em sua mulher, depois se ajoelhar e colocar o anel, que está fazendo um buraco no bolso, em seu dedo. A joalheria era uma loja pequena e pop, especializada em desenhos vintage. Por um momento, depois de entrar, Jon temeu que não soubesse o que escolher para ela, mas depois olhou para o primeiro e ele simplesmente sabia, além do resto dos anéis. Ele podia visualizá-la usando-o, seus dedos entrelaçados com os dele enquanto ele bombeava lentamente seu pau em sua doce vagina. Dois minutos na loja e ele voltou com um anel de diamante simples, mas lindo.

Finalmente, ele rompeu a linha das árvores e puxou para a clareira de cascalho que eles usavam para estacionar. Mas, em vez de a antecipação encher seu sangue, a ansiedade deslizou por suas veias. Algo não estava certo. O ar estava errado. Tudo parecia bem, a casa e a propriedade aparecendo como sempre, mas seus nervos estavam enlouquecendo. Se ele aprendeu alguma coisa durante sua carreira na aplicação da lei, foi confiar em seu instinto. E seu instinto disse que problemas persistiam por perto.

Tentando agir de maneira natural, ele estacionou o caminhão no seu lugar normal e, quando se inclinou para pegar algumas sacolas cheias de comida, também agarrou a arma que amarrava sob o banco do passageiro. Ele a escondeu na faixa da cintura, endireitou-se e saiu do caminhão. Andando pela porta da frente, ele sabia, sem dúvida, que estava

prestes a entrar em uma grande merda, mas não havia outra escolha real. Camille estava lá dentro, e ele tinha que se certificar de que ela ficasse segura. Se ele descobrisse que o pior havia acontecido, ele foderia quem fosse responsável além do reconhecimento.

A maçaneta da porta praticamente chiou em sua mão devido à tensão que irradiava de sua pele. Reunindo a força que ele precisaria para atravessar a porta para o que o esperava, Jon empurrou a porta. Porém, nenhuma quantidade de respiração profunda ou preparação teria feito uma pequena diferença.

Uma arma o encarou, a ponta vibrando suavemente. Seus olhos traçaram o cano até a mão delicada que o segurava, tentando não tremer. Em pé na frente dele, com lágrimas escorrendo pelo rosto macio, estava sua doce Camille.

— Sinto muito, Jon. Eu te amo. — Antes que ele pudesse responder, o estalo agudo de tiros encheu seus ouvidos. Uma dor quente e branca surgiu em seu peito, e ele caiu no chão, tentando com toda a força dizer que também a amava. Mas as palavras não se formariam.

CAPITULO DOZE

Camille

No momento em que Jon saiu pela porta para sua corrida de suprimentos, Camille foi trabalhar. Não havia como ele ver isso acontecer. Afinal, eles não haviam conversado sobre isso, mas ele tinha maneiras de obter informações. O aniversário do chefe Jon Gallo não passaria despercebido, não em seu relógio, e ela o faria o melhor maldito de sua vida.

Enquanto ela trabalhava, o sorriso em seu rosto nunca diminuiu. Isso só se intensificou cada vez que ela pensou na reação dele, enquanto ele lia as adições à lista que ela fazia. Talvez correções fosse a melhor palavra. Ela começou a fazer o famoso bolo de chocolate da mãe, com algumas substituições por coisas que estavam faltando na cabana.

Pensar nos pais sempre trazia uma dor oca no peito. Ela sentia falta deles todos os dias. Eles eram bons pais para ela, mesmo que não reconhecessem a natureza cruel do primeiro filho. Todos os anos, até os doze anos, Camille se sentava em um banquinho e observava enquanto sua mãe preparava o mesmo bolo para seu aniversário. Quando ela completou 13 anos, começou a pensar que seu tempo era mais importante que o da mãe e interrompeu a tradição. Não havia nada que ela não desse nos últimos anos para fazer as coisas de maneira diferente.

Assim que ela colocou as formas do bolo no forno, a porta da frente se abriu. Com o coração acelerado, ela tirou o avental, esfregando as mãos salpicadas no tecido duro. Merda, ela perdeu a noção do tempo enquanto assava? Jon estava prestes a arruinar sem querer todas as suas surpresas. Obviamente, ela não podia correr para o shopping ou pular na Amazon todo o caminho até aqui, então ela tecnicamente não tinha um

presente para ele. Mas havia um conjunto de lingerie particularmente sexy que ela estava guardando apenas para esta ocasião. Camille realmente podia beijar Sophie pelas coisas que ela tinha embalado na esperança de reunir Camille e Jon.

— Você esqueceu alguma coisa, Jon? — O silêncio foi a única resposta para cumprimentá-la. Estranho. Normalmente, ele a chamava sempre que vinha de fora, mesmo para apenas ter lenha. Apesar dos dias quentes de verão, as noites estavam começando a esfriar, e Camille adorava sentar-se ao lado dele, conversando e fazendo amor. Mas ele não havia anunciado sua chegada dessa vez.

Medo picado na parte de trás do pescoço. Jon também não esqueceria nada. O homem era meticuloso sobre tudo. Algo que ela amava nele.

Não, havia mais alguém na cabana com ela. O que significava que haviam a encontrado. De certa forma, foi um alívio. Ela passou os últimos meses constantemente olhando por cima do ombro, esperando que eles viessem. Ela pensou que se escondia bem com Jon, o medo constante, as lembranças repentinas e esmagadoras. Os fantasmas de dor nela agora curavam ossos. Mas agora que ela estava certa, tudo se encaixou.

Este seria o fim.

Camille só podia esperar que Jon não saísse completamente dos trilhos quando a encontrasse morta ou desaparecida.

— Não há necessidade de rastejar, quem quer que esteja lá fora, eu sei que você está aqui, então apenas saia. — Ela pegou uma faca do bloco no balcão, pronta para se defender o tempo que for necessário. Havia pouca esperança de que Jon estivesse de volta a tempo de salvá-la, mas ela poderia pelo menos lutar bem. Deixe algumas evidências para trás para levar a polícia a esse bastardo. Talvez um pouco do sangue dele.

Uma lenta e sinistra risada ecoou na cavernosa sala de estar. — Seu irmão sempre disse que você é um pouco de fogo. — Um homem alto e magro entrou na cozinha, carregando uma sacola que afundava com o peso de sua profissão, a morte. O rosto que ela nunca iria nadar diante dela, misturando-se às lembranças de todas aquelas semanas atrás. Seus olhos zombadores quando ele se inclinou para apagar outro charuto na pele dela. Quando ele esmagou os dedos dela em suas mãos. O tempo todo sorrindo nesse trecho doente de lábios muito finos manchados de tabaco. Mac Henry usava a mesma expressão agora. — Oh não, espere, acho que o que ele realmente disse é que você é uma criança mimada.

Camille apertou o cabo da faca na mão, pronta para balançar no momento em que ele chegou perto o suficiente. Ela tentou conter o pânico e o medo por dentro, não deixando esse bastardo ver o quanto ele realmente a afetava. Mas ele era um cão de caça quando chegou ao medo. Ele podia farejá-lo a uma milha de distância e rastrear sua origem. Não importava a bravata dura que ela tentasse, ele sem dúvida veria através dela.

— A boa notícia, para mim, não para você, é que o chefe retirou todas as restrições quando se trata de sua captura. Eu posso fazer o que eu quiser com você. Desde que eu te traga de volta de alguma forma, ele não dá a mínima se você estiver morta, viva ou tão danificada com as coisas que faço com você que falar será impossível.

Peito subindo e descendo rapidamente, ela tentou como o inferno mantê-lo junto. Ela sabia o que fazer. Jon havia ensinado tudo o que ela precisava saber todas as manhãs depois que os dois tomavam café da manhã. Ele a havia ensinado a lutar, como obter vantagem sobre atacantes maiores e como evitar ser detida. O cabo da faca, sólido e quente na mão, atrás das costas, a tranquilizou. Ela usaria. Ela escaparia.

— Lugar aconchegante que você tem aqui. — Ele deu outro passo à frente, totalmente relaxado e despreocupado. — Eu sempre soube que você era um pedaço de lixo, mas conviver com o chefe de polícia, isso é um pouco

mais do que eu teria dado a uma vadia como você. Vou gostar de vasculhar o que aquele imbecil pomposo pensa que é dele. Vou me certificar de rasgá-lo bem, garantir que ninguém mais queira o que deixo entre suas pernas, se você sobreviver a isso.

Ela não conseguia parar a mordaça que pairava em seu corpo, rejeitando em um nível básico as palavras repugnantes que vomitaram de sua boca. E isso apenas o fez rir mais. A porra doentia ficou com seu medo e nojo. Ela sabia disso desde que ele passou alguns dias torturando-a no porão de um armazém há alguns meses. Ela ainda tinha pesadelos com os olhos castanhos vazios dele, iluminando com fogo, enquanto ele lhe causava ainda mais dor. Como a única vez que ela realmente viu vida em seu rosto foi quando ele descreveu em detalhes excruciantes o que faria com ela se não houvesse limites estabelecidos por seu irmão.

Agora aparentemente não havia limites. E cada palavra repugnante que ele dizia naqueles dias voltava em uma inundação de sujeira sobre o corpo dela. Mas de repente ela percebeu que poderia ser sua fraqueza, sua propensão a amar o som de sua própria voz. Se ela pudesse mantê-lo falando, talvez isso atrasasse quaisquer planos que ele tivesse e tornaria mais provável que Jon pudesse voltar para salvá-la do pior.

— Como você nos encontrou? — Este lugar está totalmente fora da grade. Jon tinha sido tão cuidadoso com tudo. Nunca use o telefone em casa, mesmo que seja um fixo. O condado em que a cabana se encontrava ainda não possuía registros eletrônicos de propriedade, de acordo com ele, então a única maneira de ver quem estava envolvido com o dono do lugar era através de armários no porão de um prédio do governo na cidade. Não foram necessários serviços públicos, painéis solares e um gerador forneceram eletricidade, e a água era bombeada do poço e filtrada através de um sistema no armário de serviços públicos. Então, como eles foram rastreados?

— Veja, agora é aqui que minhas habilidades são subvalorizadas, por seu irmão, inferno por todos que eu já conheci. Porque é verdade, eu não

consegui encontrar vocês dois, o Chefe Gallo fez um bom trabalho ao cobrir suas trilhas. Mas o que ele não fez é garantir que seus homens também usem queimadores. — Um sorriso orgulhoso estendeu seu rosto, mas não fez nada para torná-lo menos aterrorizante. — Tudo o que eu precisava fazer era rastrear as ligações feitas para o segundo em comando. Eles geralmente mantinham essas conversas curtas, então foram necessárias algumas tentativas, mas eu recebi algumas semanas atrás. Depois que encontrei o fim da estrada de acesso de onde ele fez as ligações, era tão fácil quanto esperar na floresta até que ele saísse.

Camille só pôde concordar, porque tinha sido um plano inteligente, e ela sabia que Jon se culparia pelo resto da vida se descobrisse como eles foram encontrados.

— Você sabe, os outros caras e eu todos apostamos em quem a encontraria primeiro. Quem faria a honra de matar você. — Mac se abaixou para abrir a bolsa cheia de surpresas a seus pés, seus olhos fugindo de Camille pela primeira vez desde que entrou na cozinha. — Complese vai odiar entregar esses cinquenta dólares.

Vendo a oportunidade dela, Camille o atacou, abaixando a faca na direção do pescoço dele, esperando enfiar uma fatia na artéria caída ou mesmo na espinha. Antes que a ponta afiada da faca chegasse perto do imbecil, ele se afastou, uma arma na mão, e aquele maldito sorriso ainda em seu rosto.

— Você realmente pensou que se safaria disso? Abaixe a faca. — Ele acenou com a arma, indicando que ela deveria colocá-la no chão.

Incapaz de conter o soluço que se acumulava no peito, ela deixou a faca cair no chão a seus pés e a chutou para longe.

— Você sabe, só por isso eu decidi me divertir um pouco mais com você. — Mantendo a arma apontada para ela, Mac puxou a mochila em sua direção, puxando algemas, outra arma e uma pequena bolsa. — Eu tenho debatido o

que fazer com o policial. Seu irmão também o quer morto. Pensei em explodir a casa, mas isso chama muita atenção. Agora estou pensando que você pode me ajudar com este pequeno problema. Você sabe como disparar uma arma?

Dois meses atrás, sua resposta teria sido um grande não. Mas desde que chegara à cabana, Jon tornara sua missão ensinar Camille a se proteger, porque em algum momento eles precisariam voltar para casa e, então, ele não estaria por perto o tempo todo. Ela lutou com ele no começo, insistindo que os movimentos de autodefesa que ele estava ensinando a ela seriam suficientes. Mas ele insistiu.

— Sim, eu sei como disparar uma arma.

— Boa. Acho que não temos muito tempo até o seu namorado voltar, então será mais fácil você saber o que está fazendo. — Mac ficou de pé em toda a sua altura, elevando-se acima dela quando ele se aproximou e agarrou seu pescoço com um aperto punitivo. A bruma quente deslizou por sua pele, deixando-a enjoada quando ele sussurrou em seu ouvido. — Esta arma — ele ergueu a peça na frente do rosto dela — vai ser a único a colocar uma bala na cabeça do seu velho. Mas não sou eu quem vai puxar o gatilho. Isso é fácil demais. — Ele deslizou a ponta da arma pela bochecha dela, ao longo da ladeira do queixo até o pescoço, e continuou um caminho entre os seios. — Não, você será a única a fazer as honras. No segundo em que ele entrar naquela porta, você, doce Camille, vai apontar a arma para a cabeça dele e apertar o gatilho.

— Foda-se. Não estou fazendo nada do que você diz. — Apenas a idéia de atirar em Jon enviou uma onda de repulsa pelo estômago, ameaçando empurrar o conteúdo para o chão. — Prefiro ser estuprada e torturada do que matá-lo. Então, continue com isso e pare com os histriônicos que você representa como rainha.

Camille grunhiu quando o punho que segurava a arma a atingiu no estômago em dois socos rápidos. — Não se engane, você será estuprada e torturada, de qualquer maneira. Mas você tem uma escolha em como tudo

isso acontece. Você pode matar o honorável Chefe Gallo, rapidamente, e acabar logo com isso. Ou podemos ficar escondidos aqui por dias, apenas nós três, com o chefe amarrado observando enquanto eu faço sua mulher sangrar até a morte bem na frente dele. Eu o farei assistir enquanto eu te fodo cru. Enquanto eu corto sua carne em pequenas tiras. E a última coisa que ele verá nesta terra é a vida sendo drenada de você pouco a pouco antes que eu finalmente tenha piedade e te mate primeiro, depois ele. Então, o que vai ser?

De joelhos, Camille caiu no chão, Mac a deixando ir desmoronar sobre si mesma. Ela vomitou e um líquido azedo jorrou de sua boca. Mac era uma merda doentia em todos os sentidos da palavra, e ela não tinha dúvida de que seguiria com seus planos. Ela não podia permitir que a última experiência de Jon nesta terra fosse a imagem que seu atormentador havia pintado. Se os dois morreriam de qualquer maneira, talvez fosse ela quem fizesse isso. Ela poderia fazer isso rápido. Jon ficou impressionado com a precisão dela durante a prática de tiro ao alvo, disse que ela podia acertar as bolas de um esquilo a quinhentos pés.

Mac se arrastou pela cozinha, fazendo Deus sabe o que e ela deitou no chão ao lado de seu próprio vômito, soluçando em suas mãos. Mas agora seu desespero era pelo menos parcialmente um ato, porque Jon estava certo, seu objetivo era bom. Ela também sabia onde acertar o corpo para fazê-lo parecer real, mas ainda falta tudo que é vital. Suas aulas de anatomia foram algumas das mais fáceis para ela. Apenas memorize a localização, função e nomes de órgãos, ossos, veias.

Uma vez que ela atirou em Jon, Mac baixou a guarda. Ele se alegrava. Isso lhe daria outra oportunidade, e ela seria mais esperta dessa vez. Ela poderia fazer isso, por Jon. Ela poderia atirar nele.

— Você já fez sua escolha, garotinha? — Mac agarrou seus cabelos e a puxou para seus pés, arrastando-a para ficar de tal maneira que ela seria a primeira coisa que alguém que viesse pela porta da frente veria.

— Eu vou fazer isso. — Ela respirou fundo. — Eu mato ele. Não quero que ele veja o que você vai fazer comigo.

— Isso foi o que eu pensei. Sinceramente, estou um pouco decepcionado. É assim que as coisas vão acontecer. Eu acho que teria gostado de fazê-lo assistir. Eu nunca fui do voyeurismo antes, mas neste caso, acho que teria gostado. — Mac puxou a segunda arma na parte de trás da cintura e apontou para ela, afastando-se dela para que Jon não pudesse vê-lo quando ele entrou. — Mas será divertido te foder mais tarde com a mesma arma que você vai usar para matar o homem que você ama. Talvez até enquanto o metal ainda esteja quente.

A repulsa a invadiu novamente. Como alguém se tornou tão fodido que achou a dor e a tortura de outra pessoa divertidas e emocionantes? Ela nunca iria entender, e não se importava em tentar. A única coisa em que ela podia se concentrar era no tiro que estava prestes a tomar, certificando-se de que seu objetivo era verdadeiro.

Enquanto eles se levantavam e esperavam Jon chegar, Mac continuou a atormentá-la, dizendo o que ele faria com ela, como ele deixaria o corpo de Jon exatamente onde ele cair e a levaria pela primeira vez enquanto ela olhava para seu corpo morto. Depois de um tempo, ela desligou as divagações malucas dele, embora a certa altura ela percebesse a mão dele, sem segurar a arma, esfregando a virilha.

O estrondo profundo do caminhão de Jon e o ruído do cascalho anunciaram sua chegada. Mac ficou em silêncio, mas Camille podia praticamente sentir a emoção irradiando dele. Ele saltou na ponta dos pés, como uma criança na manhã de Natal esperando ser solta para poder rasgar seus presentes.

Mac forçou a arma na mão dela. — Não tenha idéias. Você tenta puxar algo e isso só piora tudo. Não esqueça que conheço muitos homens com os mesmos desejos que tenho, e eles adorariam fazer parte disso.

A porta do caminhão se fechou e o coração de Camille bateu forte no peito. Ela tentou se concentrar, diminuir a respiração e a frequência cardíaca. Ela segurou a arma firme na mão direita, a esquerda enrolada para ajudar a segurá-la com firmeza. Por mais que tentasse se recompor, não conseguia parar as lágrimas que escorriam pelo rosto. Se ela errasse, mesmo um centímetro, mataria o único homem que já amou.

A porta da frente se abriu e Jon ficou lá, um olhar de determinação mudando para um de choque. Mac sussurrou atrás dela para fazer isso agora, mas ela o ignorou.

— Sinto muito, Jon. Eu te amo. — Ela apertou o gatilho, sem puxá-lo de volta, como Jon havia lhe ensinado. O estrondo alto da arma ecoou pela sala, e Jon voou de volta, seu corpo chegando a metade da casa, metade da varanda.

O pânico tomou conta dela quando o sangue borbulhou do ferimento no ombro dele e caiu no chão de madeira. O riso estridente de Mac borbulhou atrás dela, e ele avançou pairando sobre o corpo imóvel de Jon. Muito quieto. Um grito a distância a assustou, até que ela percebeu que o som angustiado vinha de sua própria boca.

Mac virou-se para ela, um sorriso largo no rosto. Ela puxou o gatilho novamente, mas ele apenas clicou. Chega de balas.

— Você não aprendeu nada ainda? Eu não sou um idiota, Camille. Eu só lhe dei balas suficientes para atirar no seu querido Jon. — O sorriso aumentou quando ela freneticamente puxou o gatilho, soluçando a cada clique vazio da arma. — Eu vou me divertir muito com você.

Camille pulou quando outro tiro soou. Ele atirou nela? Ela olhou para baixo, mas não viu sangue em seu corpo. Um som borbulhante chamou sua atenção de volta para Mac. Sangue derramou de seu peito, uma expressão chocada congelada em seu rosto.

— Você não é tão esperto, imbecil. Você deveria ter checado o cara supostamente morto no chão. — Jon lutou para se sentar quando o corpo de Mac afundou no chão entre eles. — Bom tiro, querida.

Camille se aproximou dele, passando por cima do agora imóvel e morto Mac no chão. — Sinto muito, Jon. Eu tive que fazer isso. Ele ia fazer você assistir. Eu precisava, sinto muito.

— Shhhh. Você fez bem, minha doce menina. Você foi incrível. Você nos salvou. — Jon passou o braço bom em torno de Camille e a segurou perto de seu peito, beijando o topo de sua cabeça. — Porra. Esqueci o quanto dói levar um tiro.

— Merda, precisamos pressionar essa ferida. — Correndo para a cozinha, Camille pegou todas as toalhas que pôde encontrar e correu de volta para Jon, agora de pé com os próprios pés e encostado na parede, olhando para Mac. Ela apertou as toalhas no ombro dele, impedindo o fluxo de sangue. Inspecionando a ferida, ela teve que admitir que o tiro tinha sido muito bom. Totalmente, nenhum osso parecia ter sido atingido, e ela perdeu tudo que era vital. — Eu acho que você ficará bem.

— Eu tenho você, me sinto perfeito. — Jon desviou os olhos de Mac e começou a inspecioná-la da mesma maneira que ela. — Você está bem? Ele tocou em você?

— Não. Ele gostava de conversar primeiro. Foi da mesma maneira quando eles me trabalharam pela primeira vez. Tinha que me dizer tudo o que ele faria antes de fazê-lo, mas ainda não chegou a um ponto.

Jon inclinou o rosto para que ele pudesse vê-la melhor.

— Ok, ele me deu um tapa uma vez porque eu estava falando alto, mas nada sério. — O ângulo do rosto a fazia olhar para o chão, onde uma caixa preta repousava de lado aos pés deles. — Jon, o que é isso?

Jon seguiu sua linha de visão para ver a caixa também. — Merda. Não era assim que eu queria que isso acontecesse.

Camille se inclinou para pegar o pacote, atordoada em silêncio pela primeira vez.

— Eu te amo, querida. Abra.

Ela fez o que ele pediu, e o anel mais bonito que ela já viu repousava sobre um travesseiro de veludo. — Eu atirei em você.

— Sim. E espero que você não faça isso de novo quando eu pedir que se case comigo.

Os dois riram, mas Camille rapidamente se transformou em soluços. — Sim. Eu vou me casar com você. E é melhor você não ter comprado mais preservativos.

EPILOGO

TRÊS SEMANAS DEPOIS

Camille

A sala de reuniões na delegacia de Middleburg não era o lugar mais acolhedor e, verdade seja dita, Camille preferiria estar em qualquer outro lugar. A estação guardava uma tonelada de lembranças quentes e confusas para ela. A primeira vez que ela veio quando Bryan a prendeu, e a segunda vez foi depois que ela escapou do armazém e desabou no saguão.

Mas ela perguntou a Jon se ela poderia ouvir a atualização sobre Rich e o paradeiro dele, então ela ficou em silêncio no fundo da sala, a mão quente de Jon envolvendo a dela, e esperou que Luke informasse os caras. Cami olhou para o homem sentado ao lado dela, seu braço agora livre da tipóia que ele foi forçado a usar enquanto seu ombro curava. Não importa quantas vezes ela o visse, a visão dele em seu uniforme azul nítido sempre a deixava ir. Ele explicou a ela uma vez que nem todos os chefes de polícia usavam o uniforme, alguns usavam ternos, mas Jon gostava de pensar que o fato de usar o uniforme o aproximava de seus homens, o tornava um deles, em vez de ficarem separados. Seja qual for o motivo, Camille adorava vê-lo se vestir todas as manhãs e adorava tirá-lo, peça por peça, todas as noites.

Tentando ignorar sua calcinha encharcada por apenas tê-lo perto dela, Camille voltou-se para a frente da sala onde Luke finalmente começou a falar.

— Bom Dia a todos. — Ele olhou para o pódio, parecendo reunir seus pensamentos antes de olhar para a sala cheia de gente. — Todos nós dedicamos muitas horas a esse caso e tentamos pegar Rich Artiga. Tenho

orgulho do trabalho que fizemos e dos revendedores de baixo nível que conseguimos tirar das ruas. Mas precisamos cortar esse anel de drogas na cabeça. Depois que Rich se for, o resto desmoronará. E agora, graças ao trabalho não apenas do detetive Formosa, mas também do policial Reilly e do policial Coy, temos informações que podem finalmente nos levar à sua porta.

Luke deu um passo atrás e a detetive Formosa assumiu sua posição no pódio. Não importa quantas vezes eles interagissem, Camille nunca conseguia pensar na mulher como Ana. Sua personalidade de não ter prisioneiros quase exigia que você a tratasse com respeito, não importa quantas vezes a mulher insistisse em que você a chamasse pelo primeiro nome.

— Após a tentativa contra Artiga e o chefe Gallo, conseguimos rastrear as evidências deixadas no veículo de Mac York de volta a um bairro de três quarteirões na periferia da cidade, onde acreditamos que Richard Artiga está atualmente escondido. — A confiança que irradiava de Formosa impressionou Camille. Ela desejou ter sido mais como a detetive nos últimos anos; sempre no controle e com medo de nada. — Além disso, um informante apresentou informações de que talvez não somos as únicas pessoas procurando por Artiga, e há uma razão para ele ainda não ter fugido da área.

A porta da sala de reuniões se abriu e um oficial com o qual Camille estava apenas um pouco familiar entrou, com uma expressão um pouco irritada no rosto. — Quem é esse?

Jon se inclinou para mais perto dela, sussurrando em seu ouvido para que ninguém mais pudesse ouvir. — Oficial Reilly. Bom garoto, um pouco ambicioso demais. Mas um bom policial, mesmo assim.

Reilly ficou parado ao longo da parede e Camille notou que, enquanto Formosa continuava falando sobre o caso, o policial novato não conseguia parar de encará-la. Não apenas parecendo com todo mundo na sala, mas praticamente atacando-a com os olhos. O calor brilhava atrás de suas íris assustadoramente verdes quando ele a levou, e não apenas com a raiva óbvia, mas também a luxúria. Formosa fez o possível para ignorá-lo, mas

era óbvio, pelo menos para Camille, que a detetive estava ciente da nova adição à platéia.

— Você também vê, certo? — Sophie inclinou-se da fila de caixas atrás deles para sussurrar conspiratoriamente no ouvido de Cami. — O calor entre os dois?

— Absolutamente. Alguma idéia do que está acontecendo lá? — Cami e Sophie haviam se tornado grandes amigas nas últimas semanas, e estavam constantemente trocando fofocas sobre as estações.

— Nenhuma idéia. Eu tentei convidar Ana para tomar uma bebida e ela sempre se recusa. Ela é uma noz difícil de quebrar.

Se Ana Formosa conseguiu resistir à doce e encantadora Sophie, isso era um eufemismo.

— Vamos levar voluntários para uma força-tarefa para vigiar o bairro e os prédios que provavelmente são bons esconderijos para Artiga e seus homens. — Vários oficiais levantaram as mãos, incluindo Reilly contra a parede. — Por favor, veja eu e Luke depois do briefing para coordenar os horários. Esta é a melhor informação que tivemos até agora e precisamos tirar vantagem dela enquanto podemos.

Depois de mais algumas tarefas de Luke, a reunião terminou e os oficiais se dispersaram para se preparar para as noites.

— Você está pronta para ir para casa? — Jon pegou a mão de Cami, beijando as costas dela, o que enviou uma tempestade de borboletas tremulando em seu estômago.

— Hmmm, sim. — Camille levou os lábios até a orelha de Jon para garantir que ninguém por perto os ouvisse. — E quando chegarmos em casa, quero que você tire minhas as roupas, me dobre sobre a mesa da cozinha e me foda enquanto você ainda está vestindo seu uniforme.

Jon gemeu baixo no peito. — Precisamos sair daqui. Essas calças não escondem a ereção dura que você acabou de me dar.

Camille riu quando se dirigiram para a porta, mas antes que pudessem escapar, Sophie bloqueou a saída para falar sobre suas próximas núpcias. Originalmente, ela e Luke queriam esperar até a chegada do bebê, mas acabou que Luke não podia esperar tanto para torná-lo oficial, então o casamento deles foi antecipado por apenas algumas semanas.

— Cami, Lex e eu estamos planejando um dia de spa em duas semanas para nos prepararmos para o casamento. Então, não planeje nada daqui a duas semanas, entendeu? — Cami saudou sua nova melhor amiga, e sorriu de felicidade. Ela nunca teve um spa para meninas. E ela estava ansiosa para conhecer Lexis um pouco mais também.

Uma explosão de atividade através da sala chamou toda a atenção deles.

— Droga, Ana, você não precisa estar lá fora. Deixe isso conosco e dê um passo atrás pela primeira vez na sua vida. — Reilly estava tentando manter a voz baixa, sem sucesso, e o rosto de Ana estava vermelho e franzindo o cenho para o novato, com as mãos em punhos ao lado do corpo.

Ela se aproximou de Reilly, olhando em volta e ficando mais vermelha quando percebeu que todos estavam olhando para eles. — Este não é o lugar. Vou falar sobre isso com você em particular, Justice.

Com isso, Ana deu meia-volta e saiu da sala, deixando uma onda de tensão em seu rastro. O olhar de Reilly nunca a abandonou até que ela desapareceu no corredor. Lentamente, os que ficaram na sala retornaram às suas conversas, e Reilly puxou Luke para o lado antes de ambos saírem também.

— Mal posso esperar para ouvir do que se tratava — Sophie gritou ao lado de Camille.

— Você não tem nada melhor a fazer do que fofocar sobre os homens sob meu comando? — Jon puxou Camille para o lado dele e sorriu para ela, não realmente irritado com ela. Ela sabia que ele a deixaria fugir com qualquer coisa, embora ele tivesse cumprido sua promessa de espancá-la se ela o chamasse de papai mais uma vez. Não que Camille tivesse se importado.

— Por que você não me dá algo melhor para fazer, chefe? — Antes que ela pudesse terminar a frase, Jon a estava puxando da sala e indo para o carro. Aquele olhar selvagem em seus olhos prometeu uma noite cheia de paixão que ela nunca esqueceria.

Jon

Completo\\. Foi a primeira palavra que veio à mente quando Jon olhou para a mulher esparramada em seu peito. Sua vida, seu coração. Eles nunca se sentiram tão completos em toda a sua vida. Como ele passou quarenta e cinco anos antes de sentir esse sentimento de conclusão?

Após o incidente na cabana, eles decidiram que era hora de voltar para casa. O irmão de Cami ainda estava lá fora, mas ela não ia viver mais com medo. Isso não significava que Jon não estava tomando precauções. Nas poucas vezes em que não esteve com ela, um de seus homens esteve. Ela possuía proteção 24/7, de uma forma ou de outra, e nenhum dano lhe ocorreria novamente enquanto Jon estivesse vivo.

Não querendo se separar novamente, Jon mudou-se para a casa que Camille abandonara a faculdade para salvar, e eles continuaram suas vidas lá quase exatamente como haviam estado na cabana. Depois de pensar juntos, Cami decidiu que queria terminar seu curso e começar uma carreira em aconselhamento sobre dependência. Jon inchou com orgulho cada vez que

pensava na paixão com que ela falava quando se deparava com um novo artigo ou uma nova idéia para implementar. Na cabana, ela começou a voltar à vida após o trauma, mas agora brilhava de propósito todos os dias. Ela até pensou em iniciar um programa na cidade, centrado nos jovens afetados pelo vício e em uma horta comunitária onde eles poderiam trabalhar a terra e eliminar suas frustrações em um ambiente seguro. A coisa toda surgiu de uma conversa que ela e Sophie tiveram logo após o retorno, e os dois estavam planejando sem parar para tirá-lo do chão.

Camille se esticou e se mexeu um pouco mais em cima dele, e ele conteve sua risada, não querendo acordá-la ainda. Todas as noites depois de fazer amor, ele adormecia com ela envolvida em seus braços ao estilo de colher. E ainda assim, de alguma forma, todas as manhãs, eles acordavam com seu pequeno corpo praticamente prendendo-o na cama. Como se ela quisesse prendê-lo lá. Como se ela precisasse. Não havia outro lugar na terra que Jon quisesse estar mais do que na cama com a mulher que ele nunca soube que precisava.

A noite anterior foi especialmente satisfatória. Depois de voltar do briefing de Luke, eles mal entraram na porta antes de Jon a despir de todas as suas roupas e a dobrar sobre as costas do sofá. Como prometido, ele manteve o uniforme o tempo todo e sentiu uma emoção estranha ao ver o algodão áspero abrasando sua bunda. Mas essa foi apenas a primeira vez que eles se pegaram. Por volta das 2 horas da manhã, eles finalmente caíram na cama e desmaiaram.

A perna de Camille passou para o estômago dele e sua paciência finalmente se rompeu. Ele precisava dela novamente. Felizmente, Camille gostava de dormir nua desde a sua terceira vez na cabana, e continuou assim mesmo depois de voltar para casa.

Jon deslizou a mão pela coluna lisa de suas costas, deslizando os dedos ao longo da costura de sua bunda antes de mergulhar em suas dobras já escorregadias.

— Mmmm, é melhor não ser um sonho. — Cami gemeu e se contorceu contra ele enquanto brincava ociosamente com a carne delicada entre suas coxas. — Jon, por favor.

— Por favor, o que? — Ele sussurrou em seu ouvido. — Por favor, deixe você dormir? Por favor, tome seu café da manhã?

— Por favor, me faça vir. Por favor, me foda. Por favor, me dê seu esperma. — Seus gemidos ofegantes enviaram sangue bombeando direto para seu pênis, tornando-o ainda mais difícil do que já havia sido com seu corpo nu enrolado em torno dele. Eles abandonaram os preservativos, mas, para decepção de Cami, ela não estava grávida. Ele sabia que isso aconteceria para eles, de um jeito ou de outro, e mal podia esperar para vê-la com o filho.

Mas o sexo entre eles era mais do que apenas tentar criar seu bebê dentro dela, embora o pensamento o deixasse selvagem de luxúria. Era mais do que busca de prazer. Quando ele deslizou dentro de seu corpo quente, eles se tornaram um. Era a conexão de duas pessoas que precisavam uma da outra mais do que precisavam da respiração seguinte. Era essencial para sua vida agora.

— Gananciosa, garota. É pedir muito de um homem como eu, logo de manhã. — A diferença de idade deles não o incomodava mais, mas ele ainda gostava de provocá-la sobre isso, e vice-versa. Eles tinham alguns olhares estranhos quando saíam de vez em quando, mas ambos ignoraram quando aconteceu. Nada parecia mais certo do que estar com a mulher em seus braços.

— Desculpe, você está certo. Descanse seus velhos ossos, eu farei todo o trabalho pesado. — Camille riu contra seu peito, depois empurrou para cima, para que ela montasse em sua cintura. Recostando-se, ela deslizou uma mão pelo centro do estômago macio e deslizou um dedo entre as dobras sedosas.

— Jesus, eu pensei que você estava tentando me matar quando atirou em mim, mas é isso que vai me matar. — O foco de Jon se reduziu ao pequeno

espaço entre as coxas de Cami, então quando o dedo dela parou, pairando logo acima do clitóris, ele voltou sua atenção para o rosto dela. O rosto muito irritado. — Cedo demais?

Felizmente, Camille simplesmente bufou uma pequena risada e voltou a esfregar. — Há algo errado com você.

Jon passou as mãos pelas pernas lisas dela, agarrando seus joelhos e abrindo suas pernas, para que ele pudesse ver todos os movimentos de seus dedos sobre seu sexo. — Tudo bem, eu estou bem por haver algo errado comigo, desde que você ainda me ame. Cabelos grisalhos e tudo.

— Te amo tanto. — ela ofegou e se contorceu em cima de seu estômago, suas costas roçando contra seu pau dolorosamente rígido.

Ele queria mais do que tudo se enterrar profundamente dentro dela, mas foda-se se ele pudesse desistir do show acontecendo bem na frente de seu rosto. — Porra , eu gostaria que você pudesse ver o quão quente você está agora. Essa sua boceta rosa está apenas pingando seus sucos. — Ele passou um dedo pela entrada dela, seus quadris quase disparando no ar com o toque quase inexistente. Sugando o suco do dedo, Jon gemeu com a explosão do seu sabor favorito na língua. — Deus, você é a mistura perfeita de doce e salgado.

— Por favor, Jon, preciso de você dentro de mim. — Camille começou a levantar os quadris e posicioná-los acima de seu pênis, mas ele a puxou de volta para descansar sobre seu estômago.

— Ainda não. Você conhece a regra, vem pelo menos uma vez antes que eu entre em você. — Seu gemido o fez rir, sua garota era muito divertida de brincar. — Eu vou ajudá-la, continue jogando com seu clitóris duro.

Segurando-a no lugar com uma mão , Jon mudou a outra para abaixo, onde seus dedos trabalhavam furiosamente em seu clitóris. Ele circulou sua abertura apertada com um dedo, o leve toque dirigindo suas reações ainda

mais alto. Ele esperou que ela começasse a cantar 'por favor' mais e mais antes de lentamente empurrar seu dedo grosso contra o calor dela. Seus passos estavam em desacordo. Camille perseguindo seu orgasmo com uma velocidade que explodiu em sua mente, mas Jon saboreava cada crista e solavanco em seu canal liso. Uma vez que seu dedo estava completamente preso em sua vagina, ele lentamente o arrastou de volta, pressionando contra a parede da frente o tempo todo.

— Oh Deus, por favor Jon, mais. Eu preciso de mais. — Seu corpo cedeu sob o peso de seu orgasmo iminente, e Jon levantou os joelhos para que ela pudesse recostar-se contra eles, colocando sua boceta ainda mais à mostra para ele. Louca e bonita, essa era a mulher dele. E tudo dele.

— Você precisa de mais? Como isso? — Ele acrescentou um segundo dedo, mas não foi mais rápido, facilitando-os centímetro por centímetro.

Ela choramingou sua frustração e levou a outra mão ao peito, beliscando e puxando seus mamilos apertados. — Mais forte. Mais rápido. Por favor.

— Como isso? — Jon bateu os dedos de volta em sua boceta encharcada, ela gritou seu prazer e implorou por ainda mais. Mas, em vez de obedecer, Jon segurou os dedos dentro do calor dela, pressionando-os contra o pequeno e áspero nervo profundo que a mandaria para a lua. Ela resistiu e gritou em cima dele, obscenidades voando de sua boca que fariam qualquer um dos homens em seu esquadrão corar como uma colegial. Arrastando os dedos em círculos em seu ponto G, Jon puxou seu orgasmo pelo maior tempo possível antes que ela caísse contra suas pernas, seu peito arfando com a necessidade de oxigênio após a intensidade de seu clímax.

Jon esfregou as pernas dela, acalmando-a quando ela desceu do alto. Observá-la chegar nunca deixou de ser uma experiência inspiradora para ele. Ele queria ver aquela expressão corada e saciada em seu rosto todos os dias pelo resto de sua vida.

— Você tem energia suficiente para pegar meu pau, querida?

— Sempre, mas não vou conseguir fazer todo o trabalho pesado depois disso. Não tenho certeza de que poderia mover minhas pernas se você me implorasse. — Aquela voz rouca pós-orgasmo dela o deixou quase louco. Ele precisava estar dentro dela.

— Não se preocupe. Eu cuidarei de você. Sempre. Em todos os sentidos.